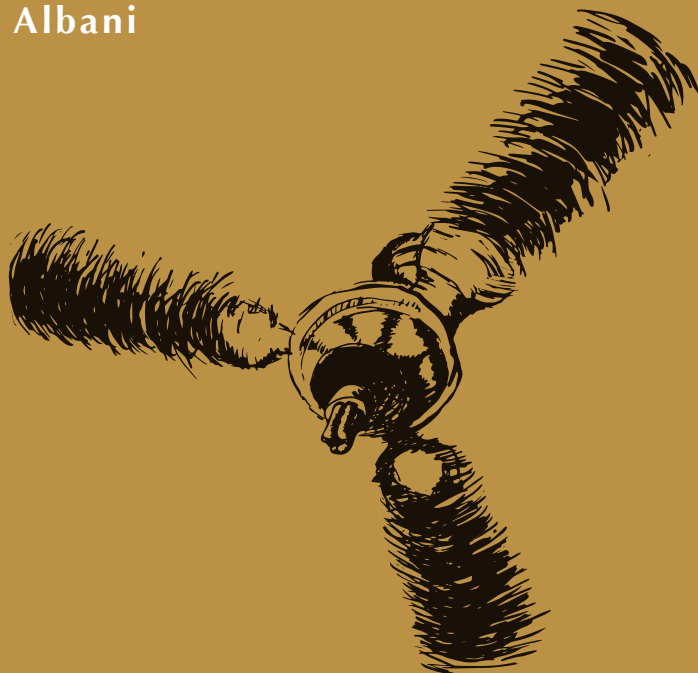


II PRÊMIO UFES DE LITERATURA



A paz dos vagabundos

João Albani



Editora filiada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu)
Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus de Goiabeiras
CEP 29075-910 - Vitória - Espírito Santo - Brasil
Tel.: +55 (27) 4009-7852 - E-mail: edufes@ufes.br
Homepage: <http://www.edufes.ufes.br>

Reitor | Reinaldo Centoducatte
Vice-Reitora | Ethel Leonor Noia Maciel
Superintendente de Cultura e Comunicação | Ruth de Cássia dos Reis
Secretário de Cultura | Rogério Borges de Oliveira
Coordenador da Edufes | Washington Romão dos Santos

Conselho Editorial | Agda Felipe Silva Gonçalves, Cleonara Maria Schwartz, Eneida Maria Souza Mendonça, Gilvan Ventura da Silva, Glícia Vieira dos Santos, José Armínio Ferreira, Julio César Bentivoglio, Maria Helena Costa Amorim, Rogério Borges de Oliveira, Ruth de Cássia dos Reis, Sandra Soares Della Fonte

Secretário do Conselho Editorial | Douglas Salomão

Preparação e Revisão de Texto | Fernanda Scopel Falcão
Projeto Gráfico | Gabriel Lança Morozeski, Pedro Godoy
Diagramação | Pedro Godoy
Capa e Ilustração de Capa | Gabriel Lança Morozeski

II Prêmio Ufes de Literatura 2013-2014

Comissão Organizadora | Fernanda Scopel Falcão, Orlando Lopes Albertino, Ruth de Cássia dos Reis, Washington Romão dos Santos

Comissão Julgadora das categorias Livro de poemas e Coletânea de poemas | Lucas dos Passos, Marcelo Paiva de Souza, Marcus Vinicius de Freitas, Paulo Roberto Sodré

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

A326p Albani, João Chagas Ligeiro, 1990-
A paz dos vagabundos [recurso eletrônico] / João Albani. -
Dados eletrônicos. - Vitória : EDUFES, 2015.
98 p. – (Coleção II Prêmio Ufes de Literatura ; 3)

ISBN: 978-85-7772-291-4
Também publicado em formato impresso.
Modo de acesso: <http://repositorio.ufes.br/?locale=pt_BR>

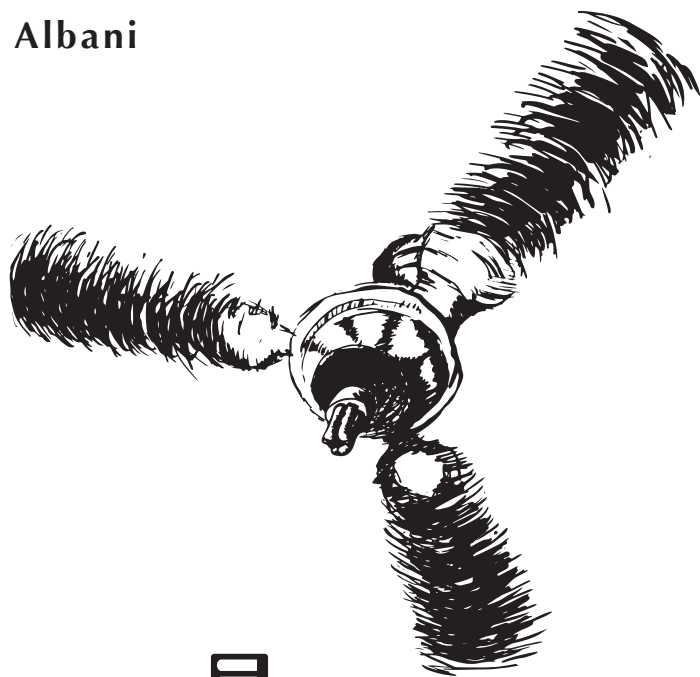
1. Ficção brasileira. 2. Literatura brasileira. I. Título. II. Série.

CDU: 821.134.3(81)-31

II PRÊMIO UFES DE LITERATURA

A paz dos vagabundos

João Albani



EDUFES

VITÓRIA, 2015

Apresentação

Apresentação

A história do Prêmio Ufes de Literatura começa em 2010, num período repleto de desafios para o mercado editorial, com recursos escassos e baixa articulação do segmento. Apesar das adversidades, não faltou comprometimento da Editora da Ufes (Edufes) e da Secretaria de Produção e Difusão Cultural (SPDC), hoje extinta. As discussões foram comandadas pela então secretária e diretora da Edufes com o apoio do Conselho Editorial da Edufes e dos membros da Comissão Organizadora interessados em premiar as melhores obras inéditas nas categorias poemas e contos, originando um livro com a coletânea dos textos selecionados.

Com os objetivos de fomentar a produção de obras literárias de qualidade, promover a literatura nacional e revelar novos talentos, a segunda edição do Prêmio Ufes de Literatura, em 2013-2014, já no contexto da vinculação da Edufes à Superintendência de Cultura e Comunicação (Supecc), veio com um nova proposta, ampliando os número de modalidades e categorias, e de publicações e premiados. O concurso recebeu textos inéditos de escritores nas modalidades *Autor* e *Antologia*. As categorias autorais foram: Livro de poemas; Livro de contos e/ou crônicas; Livro de romance; e Livro de literatura infantil/infantojuvenil. Para modalidade *Antologia*, as categorias Coletânea de poemas e Coletânea de contos e/ou crônicas.

Os vencedores foram selecionados entre os 223 candidatos que inscreveram suas obras, posteriormente analisadas por um júri composto por dezesseis especialistas divididos em quatro comissões. Entre os vinte e cinco vencedores do prêmio estão escritores do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Maranhão, Pernambuco, Piauí, Paraná e Santa Catarina.

Nesta edição, 6 livros são publicados, de acordo com cada modalidade/categoria: um livro de poemas autoral; um livro de contos & crônicas autoral; um romance autoral, um livro de literatura infantojuvenil autoral, além das coletâneas, que contemplaram, cada uma, os textos de dez autores premiados. Seguem as listas das comissões e dos premiados por modalidade/categoria.

Premiados

Premiados

Modalidade Autor

Livro de poemas: *Com dias cantados*, de Israel Francisco do Rozário (ES)

Livro de contos e/ou crônicas: *Quando não somos mais*, de Vanessa de Oliveira Maranha Coelho (SP)

Livro de romance: *A paz dos vagabundos*, de João Chagas Ligeiro Albani (ES)

Livro de literatura infantil/infanto-juvenil: *Pense melhor antes de pensar*, de Renata Regina Dembogurski Machado (PR).

Obs.: O escritor Vitor Bourguignon Vogas (ES) também teve o livro Irmãos de Leite selecionado nesta categoria, em que houve um empate técnico. No entanto, posteriormente, informou que a obra seria publicada por outra instituição, o que o tornou inabilitado para a premiação, conforme o regulamento do prêmio.

Modalidade Antologia

Coletânea de poemas:

“5 poemas quânticos precedidos por 7 estrofes pouco simples”, de Lino Machado (ES);

“ensaio para sair de casa”, de Carina de Lima Carvalho (SP);

“Não deixamos sementes”, de Rafael Luis Zen (SC);

“Antologia”, de Felipe Garcia de Medeiros (MA);

“Casacas, cascos, caos”, de Marco Antonio Queiroz Silva (SP);

“Sem fôlego”; “Nouvelle vague”; “Bazar & memória”; “Festim do Jardim”, de Adriano Apocalypse de Almeida Cirino (MG);

“Baldio”, de Tauã Valle Pinheiro (PE)

Obs.: O escritor Tauã Valle Pinheiro informou, posteriormente, que a obra seria publicada por outra instituição, o que o tornou inabilitado para a premiação, conforme o regulamento do prêmio.)

“O espanto e o impulso”, de Carlos Nathan Sousa Soares (PI);

“Soja Santarém”; “Assalto ao Chile”, de Edvaldo Fernando Costa (Fernando Nicarágua) (SP);

“Todas as janelas da casa estão meio abertas”; “Num domingo nublado de outono”; “Dum poema escrito num apartamento qualquer”; “Janelas”; “Transitivo”; “Deixa a palavra escorregar”; “Deixa a palavra escorregar II”; “Dia sem luz/casa caiada”; “O Amor é poesia física”; “Ímpeto madrugal (poupa de fruta de um coração por comer)”, de José Vander Vieira do Nascimento (ES).

Coletânea de contos e/ou crônicas:

Cabeceira do aventureiro - Mauro Leite Teixeira (ES);

Vestígios - Marcelo Henrique Marques de Souza (RJ);

A árvore - Rafael Vieira da Cal (RJ);

Historinhas do cotidiano - Liana Rita Gonzáles (ES);

A grande pergunta e outras histórias - Maria Aparecida Sanches Coquemala (SP);

Os que veem profundo - Hugo Augusto Souza Estanislau (ES);

Quem ri por último, ri melhor; Touchè Du Thanathos; Cotidiano em três cenas; Lições - José Ronaldo Siqueira Mendes (RJ);

A partida - Jessica Barcellos Bastos (ES);

Anonimatos; Histórias daqui e dali - Miriam da Silva Cavalcanti (ES);

Solitudes - Eduardo Selga da Silva (ES).

Aproveitamos este espaço para mais uma vez agradecer a colaboração dos membros das comissões julgadoras, parabenizar os inscritos, especialmente os contemplados com o Prêmio, e desejar a todos uma ótima leitura.

Comissão Organizadora do II Prêmio Ufes de Literatura

Comissão

Comissão

Membros da **Comissão Organizadora**: Fernanda Scopel Falcão (Edufes), Orlando Lopes Albertino (PPGL/Ufes), Ruth de Cássia dos Reis (Supecc), Washington Romão dos Santos (Edufes).

Membros da **Comissão Julgadora das categorias *Livro de poemas e Coletânea de poemas***: Lucas dos Passos (Ifes), Marcelo Paiva de Souza (UFPR), Marcus Vinicius de Freitas (UFMG), Paulo Roberto Sodré (Ufes).

Membros da **Comissão Julgadora das categorias *Livro de contos e/ou crônicas e Coletânea de contos e/ou crônicas***: Anne de Souza Ventura (Universidade do Minho - Portugal), Mara Coradello (escritora), Renata Bomfim (AFESL), Tarcísio Bahia de Andrade (Ufes).

Membros da **Comissão Julgadora da categoria *Livro de romance***: Camila David Dalvi (Ifes), Luís Eustáquio Soares (Ufes), Nelson Martinelli Filho (escritor), Saulo Ribeiro (editor e escritor)

Membros da **Comissão Julgadora da categoria *Livro de literatura infantil/infanto-juvenil***: Adriana Falqueto Lemos (escritora), Andreia Delmaschio (Ifes), Karina de Rezende Tavares Fleury (AFESL), Maria Amélia Dalvi Salgueiro (Ufes).

Sumário

Sumário

- 09 | Prefácio
- 11 | A paz dos vagabundos

ARCO 1 – COMEÇO

- 13 | Capítulo 1
- 23 | Capítulo 2
- 32 | Capítulo 3
- 41 | Capítulo 4

ARCO 2 – MEIOS

- 48 | Capítulo 5
- 59 | Capítulo 6
- 76 | Capítulo 7

ARCO 3 – AFINS

- 89 | Capítulo 8
- 94 | Capítulo Final

Prefácio

Prefácio

É certo que volume de publicações ou de escritos não é suficiente, hoje, para se cravar o estigma de escritor no lombo de alguém. Se existe, ainda, o ofício está perdido entre os casinhos particulares dos blogs e a facilidade de verter um livro na rua – ensejo que, é verdade, contribuiu para uma expressão mais democrática.

A literatura é um dos poucos braços da arte que, quando bem-sucedida, vive às sombras da linha de montagem. Isto é, um trabalho primário paga as contas dos livros que não vendem. Escrever livros é o hobby dos grandes escritores. Bate à porta do autor iniciante, na melhor das hipóteses, o silêncio.

De que se faz, então, um sujeito que cria palavras? Para Deleuze, um escritor é um ser sempre à espreita. Feito um animal habituado à caça incessante, guarda os dentes e não lambe os olhos com as pálpebras até que a presa se apresente, versando desatenta em território de ninguém. Daí, sujo de sangue, vai às páginas.

No andar de baixo, Bukowski simplifica: é preciso beber cerveja. “A cerveja é o sangue contínuo”, ele diz. Sabe-se que em Bukowski há dor, muita dor, ainda que o visual durão e o álcool cubram as cicatrizes do tempo. Borges é honesto: “o antigo alimento dos heróis: a humilhação, a desgraça, a discórdia.” A argila do grande escritor é mormente a tristeza.

Na teia do fazer literário, intrincamo-nos nas respostas – a dúvida, não raro desprezada, aqui significa acerto: a literatura se faz de busca, nunca de achado. O livro é uma conversa sobre as nossas incertezas, nunca sobre a verdade.

João Chagas é escritor. Está à margem, sempre esteve. Sei disso porque nascemos, de certa forma, da mesma árvore: no Cronópio, grupo da Ufes destinado à literatura, Chagas trafegava nas ruelas do silêncio. Era o cara das Letras que, afastado do trato duro e funcional que jornalistas e publicitários davam às palavras, enten-

dia o vernáculo em todas as suas delicadezas. Isso está em “A paz dos vagabundos”, de ponta a ponta.

A trama está à espreita da vida marginal da Grande Vitória. Os moradores de rua, alvos do esquecimento, têm seus tecidos conjecturados por Chagas nesta estreia de narrativa crua e sensível. Não há muitas concessões àquela vida, entretanto. Há muito humor e bebida, mas tampouco são permissivos.

Em determinados momentos, o autor perturba com frases simples de efeito contínuo: “Em algum momento, um mês pra dentro, sentiu-se como se estivesse perdendo tudo que tinha e ele já era morador de rua.” Há linhas mais duras, como sentenciada por um carrasco: “um breve lampejo de lucidez para entender a tosse prescrevendo a cova.”

Há bebida, como quer Bukowski; há dor, Borges. Todos os personagens são conduzidos pela frustração generalizada, pelo ascetismo da resignação frente ao mundo de concreto. São feitos gados em regime de hora extra antes do abate.

Há outra gravidade em “A paz dos vagabundos”: a estranha segurança narrativa de um estreante. Chagas reflete, em menos de uma centena de páginas, sobre o ato de narrar sem se acomodar na metalinguagem gasta de escritor-fala-sobre-escrever.

Voltemos ao ofício, como últimas considerações desta bela estreia. Se o escritor tem alguma obrigação com a literatura, é a de não se repetir, nem de repetir o outro. Coisa que não pede qualquer crivo revolucionário – há tradição literária em todos. Significa, antes de mais nada, o compromisso da honestidade, em estética e espírito. É sincera esta estreia. Possível dizer: João Chagas é escritor.

Leandro Reis

Jornalista e autor de “Catamaran” (Cousa, 2013).

A paz dos vagabundos

A paz dos vagabundos

E rodavam, rodavam, giravam em volta dos olhos já sem globos da caveira que dormia com o escalpo pra sempre aberto, feita copo-troféu de guerra de fim de séculos, giravam sempre e insistentemente e giravam até através das ideias que já encheram o copo, bebidas e destiladas. Assaz feroz, a ideia morre, enfim. Mas só depois que os beberões abriram o espaço e prepararam sua chegada. De toda ideia brotava os sempre frutíferos braços e pernas e pés e sempre muitos dedos, infernizando qualquer consciência com promessa de tantos caralhos no ponto seguinte. Mas para as malditas, dedos e pés e pernas e braços são quase todos pequenos membros fantasma, dando gosto de pensar e coceira de nunca roçar. Vem sempre porém um dedo te enfiar realidade por onde, quando se dá a engraçar com ideias, então você se lembra dos braços, pernas e pés por virem. Vai e pensa se tem fome ou coragem suficiente para caçar uma ideia na rua e comê-la de verdade ou só vai e come de verdade por falta de ideias ou por um tédio que seria até saudável para o seu por onde. Numa dessas noites ou tardes ou manhãs de estar no osso ou no ócio ou caçando, uma delas vem e te pega de jeito, te laça, te fode e você é então propriedade e veículo dela decependo os membros fantasmas, correndo no pelo dos braços para nunca chegar no torso da ideia: seu feito nunca em fim. E ainda que conseguisse cumprir e encher todo o rol de que reivindicou a ideia, sua soberana, ela só lhe cuspiria um pouco de mel e no próprio gozo evaporaria só para fazer chover porra em você, com muitas e muitas outras para te dar o que fazer. Não me entenda mal, segue teu sonho, blá blá blá, mas não esquece que satisfação é sempre passado ou futuro, presentes são só as ideias. Uma delas era beber cerveja no crânio do seu inimigo do parquinho e cá estamos bebendo. Raiva nascendo de novo porque já acabaram as cervejas e os moleques do parquinho. Deita a cabeça pra dormir só para vê-las rodando, rodando, girando em volta dos olhos já sem sal que você se esforça para cobrir. Ia ser uma luta tremendamente desigual, mas acha que valia a pena tentar.

ARCO 1 - COMEÇO

Capítulo 1

Capítulo 1

Marco Antônio veio da Bahia. Seu nome era Felipe, mas gostava mais de Marco Antônio. Disse que veio da Bahia, mas pode ter sido mais de cima. De todo jeito, não tinha mesmo um destino, conseguiu seus trocados e em dado momento desceu do ônibus na rodoviária de Vitória. Passou coisa de três ou quatro meses arrumando mais trocados entre cá e lá, mas sempre voltava para dormir ali perto da rodoviária. Ele tinha medo de ficar muito longe de casa. Já aprendeu a fazer artesanato, mas não tinha saco. Pedia dinheiro na rua, mesmo. Tinha papo e isso ajudava. Era meio feio, mas na lábria levou muita menininha nos seus idos lá do norte. Desde que começou a viajar, andava bem sujo e já nem tinha tanta confiança de conseguir essas regalias. Mas tinha vontade. Até já tentou tomar banho na praia, mas deixou de lado, não nem é como fosse esperado dele ser uma pessoa asseada. Por uma semana, deu de pedir dinheiro na rodoviária mesmo, mas os guardinhas atrapalhavam demais. Seu nome inclusive veio da rodoviária. Sentou-se do lado de um cara com a mochila no colo e começou a puxar papo. Marco Antônio já chegou e tirou a carteira de identidade para mostrar que era seu aniversário. O rapaz viu o documento, Felipe dos Santos, 12 de Fevereiro de 1984, sorriu e o saudou bem amistosamente. O papo foi rolando. Cara mó gente fina. Deu até pena de cortar o assunto para pedir dinheiro, se bem que ele já deveria ter sacado. Conversaram mais uns cinco minutos mas antes que desse para introduzir o pedido ao amigo, aparece um guardinha do nada:

- Pode parar, não pode pedir dinheiro aqui não.

- Qual é, e eu lá estou pedindo? Só estou aqui conversando com o meu amigo, no meu aniversário.

- Seu amigo, é? – E olha o guarda para o rapaz que acena “sim” com a cabeça para a gênese de um sorriso besta no Marco Antônio, que já entrega a carteira de identidade para o seu guarda

– O senhor conhece esse sujeito? – O rapaz sorriu meio sem jeito, mas ainda dizendo que sim.

- Viu? Te falei! – explode, genuinamente feliz.

- Então tá, qual o nome do seu amigo? – Pergunta o guarda para o Marco Antônio com sua carteira de identidade na mão.

Não deu tempo de entender, mas o rapaz tentou ferozmente dizer alguma coisa com os olhos para ele, porra, dava pra ver que ele queria continuar a conversar. Então, o ainda Felipe respondeu para o guarda:

- Esse aqui é o Marco Antônio – esperançoso de ter acertado o nome do cara que, só agora foi se dar conta de que não tinha perguntado. O guardinha olha para o rapaz que, amarelando ainda mais o sorriso, vai dizer:

- Meu nome é Felipe, cara. – complacente pra caralho.

- Pronto, vamos embora, sem presente de aniversário hoje – levava-o o guardinha pelo braço, gentilmente. Na cara dele escorria risonho o terror de ter o mesmo nome do rapaz e de não ter entendido que era isso que ele tentava dizer. Cacete, era só ele dizer que queria continuar conversando comigo. O cara poderia ter dito “Meu nome é Marco Antônio”, uma puta frase forte. Verdade, puta frase forte. Meu nome agora vai ser Marco Antônio. Vai ser presente de aniversário do Felipe. Acenou para ele de fora da grade da rodoviária que respondeu o tchau subindo no ônibus para Marechal. Melhor achar outro lugar pra pedir dinheiro. Duas semanas depois escreveu Marco Antônio na jaqueta com um pincel atômico azul. Trocou sua identidade por uma meiotá.

Não assaltaria ninguém. Era mais do tipo de pedir mesmo. Via uma certa arte atrás daquilo e ele era bom. Contava que seus filhos precisavam de comida. Dizia que fora assaltado agorinha há pouco, gaguejando de nervoso me arranja algum para a passagem, amigo? Subia mancando em TRANSCOL e mostrava a cicatriz feia na costela, abanando papéis amassados que tirava da bunda e proclamava serem atestados médicos dizendo que não podia fazer muito esforço físico ou a porra toda se abriria. Não dava para trabalhar. Quase até chorava emocionado contando como bateu

com a moto do serviço quando um caminhão o fechou por pura sacanagem, deixando-o no chão sem socorro, com hemorragia interna e a costela aberta. Agora tem que contar com a bondade dos passageiros para ajuntar o dinheiro para poder terminar de pagar a dívida da moto do patrão e voltar lá para a minha roça na Bahia. Deus abençoe quem puder me ajudar e abençoe igualmente quem não puder. Mas porra nenhuma, disso tudo aí só a roça na Bahia que entrava no campo da verdade, porque foi onde tomou carreira de um galo de briga, bêbado, e se estrepou numa cerca de arame farpado. Também é verdade que abriu a barriga, de acima do umbigo até embaixo do sovaco, daí infeccionou e deu queloides feito o diabo e agora ostenta com o seu álibi mais digno. Ninguém queria pegar os papéis amassados e sujos que ele brandia. Marco Antônio não sentia culpa, tomava cachaça. Fumou maconha umas vezes, mas não se ligava tanto nessas coisas. Achava mais negócio a onda do álcool e saiu de casa porque cansou de tentar a vida mesmo, o negócio é viajar por aí e ver qual rumo vai pegar. Perguntassem a profissão, dizia que era ator, contente. O pessoal ria da cara dele, mas também dava trocados. Trabalhava de marceneiro antes de começar a viajar. Até recebia bem pelas suas histórias, mais do que na oficina do primo. Na rua ele era ator, diretor e roteirista atuando em praça pública. Depois desses quatro meses em Vitória, queria ir para o interior, ver se conseguia chegar na região dos alambiques em Minas.

Não chegou. Seu corpo foi achado dia 17 de outubro de 2011. Em uma ruela que dava para a entrada do Parque Moscoso.

Filé tinha família e já tentou várias vezes voltar pra casa, mas depois de um tempo acabava na rua de novo. Ele costuma dormir ali por Maruípe, de vez em quando em frente ao Horto, de vez em quando indo para Tabuazeiro. Não é tão jovem quanto Marco Antônio, já deve ter mais de quarenta. Começou e conta que parou de usar crack há mais de dez anos, de vez em quando tinha uma ou outra recaída. É daquele tipo que parece que esqueceu da própria história. Se você parar para bater um papo com ele na rua, vai ficar falando por muito tempo e várias das coisas que conta acabam contradizendo ou comprovando outras coisas que contara. Filé fala demais. Uma vez, na rua da Lama, viu uns caras sentados no banco da farmácia com um galão de vinho e foi lá ver se arrumava uns goles. Deve ter tomado dois dos cinco litros com os rapazes. Contou que a família dele tem grana. Meu irmão ficou como dono daquele Material de construção ali da rua de baixo, sabe qual é? Se

eu quiser entrar lá e pegar dinheiro com ele, eu posso, tenho a herança do meu velho, mas prefiro deixar para ele cuidar, essa coisa de dinheiro envenena a gente, não sou bom com isso. Minha avó veio da Alemanha quando novinha, fugindo dos nazistas, tiveram que deixar tudo pra trás lá. Aqui eles fizeram tudo de novo, meu velho deixou umas três lojas pra gente mas eu disse não, não quero isso pra mim não, isso faz mal. Isso envenena a gente, sabe? Meus irmãos estão lá, sou eu e mais três: o Zé, o Mario... E casualmente pegava o galão e já servia o próprio copo na frente dos rapazes maravilhados com tanta história que tinha para contar e o jeito desarticulado da sua oratória de bebum. Achava aquilo tudo uma babauice, esses universitários de colégio que tratam morador de rua como bicho de safári. E alimentam. Mas um pelo outro, é o melhor jeito de conseguir bebida, tô te falando, Marcantonho, conversa um tantinho com eles, inventa que você veio de tal lugar e conta alguma coisa sobre um lugar da cidade que eles não conhecem. Não precisava nem ser interessante, qualquer coisa que contasse parecia interessante para aquela gente. Filé agradeceu o vinho e foi embora com o Marco Antônio, andaram até o final da madrugada num boteco lá perto de Joana d'Arc.

O nome do Filé era Geraldo e o nome Filé é daqueles apelidos que não começaram em lugar nenhum. Talvez na adolescência. Tem tanta razão em ser Filé quanto em ser Geraldo. Marco Antônio o conheceu assim que chegou aqui e mais ou menos três da manhã de toda sexta-feira eles iam para algum boteco diferente beber o que restasse da semana. Uma pequena tradição acalorada para os dois. Uma tradição não muito rígida, repetiam quartas e segundas como sextas, se quisessem. Falavam sobre a rua, sobre mulheres, quase nada sobre futebol. Contavam histórias até serem enxotados dos botecos, normalmente às sete, oito da manhã. Sempre pagavam a conta na sexta. Filé conta da sua família para Marco Antônio quase toda semana, que o incentiva a voltar pra casa, um dia e ficar. Ele estava quase conseguindo.

O corpo do Filé foi encontrado no dia 16 de julho de 2011 em Goiabeiras, atrás de uma lixeira, daquelas de plástico e que têm rodas. Era verde.

Também tem o Marival. Sujeito sem educação. Um oscilante do caráter malandro e mané do brasileiro médio. Reconhece toda a proteção que tem na postura perigosa para qualquer um que não esteja na mesma situação que ele. Não reconhece tampouco quem

esteja em uma situação pior que a dele. E se orgulha disso. Se não fosse morador de rua, seria aquele cara a quem ninguém pode contar uma desgraça, porque rebate com algo que tenta sempre ser mais desastroso, mesmo que pouco real. Por morar na rua, não há quem conte tristezas para ele, os que sofrem mais, não falam, por motivo de força ou ocasião. Marival tentou passar a perna no Marco Antônio na primeira semana do menino aqui, num lance de cachaça e uma oferta irrecusável para tontear a lógica dele. Foi exatamente o não se bambearem no golpe dele que conferiu ao baiano o respeito duvidável mas nunca duvidoso de Marival. “Esse menino é sagaz”, repetia sorrindo-se amalandrado. Marival não lembra mais a idade. Já há anos não olha no documento muito velho de identidade e tenta fazer as contas. Mas já são quase ou mais de vinte anos fora da casa de uma família e ele ainda está na mesma cidade, sem sair do lugar. Ele bebe. Cheira. Fuma qualquer coisa. Só não injeta porque é caro pra porra. Ele sorri, ri, fala alto e chama muita gente de mermão. Não é feliz e nunca conseguiu esquecer isso.

Ele conta desvantagens como espinhos e desgraças como histórico porque pode. Tem propriedade para falar da miséria. Apanhou do pai, apanhou da mãe. Pai abandonou e apanhou dos padrastos que vieram. Mãe morreu, os homens sumiram. Apanhou do avô também. A pequena oportunidade de transformar esse sofrimento todo em caráter foi obliterada quando, aos catorze anos, uma menina chupou seu pau depois de dizer que era porque todo mundo tinha medo dele. Vai ver foi a boca dela, mas aquilo nunca se apagou. Continuou apanhando, mas agora era para criar carapaça. Nunca teve muita chance de um futuro promissor. A primeira vez que foi pego pela polícia, já era homem formado e já carregava sua própria ficha de expertise em algumas áreas dos pequenos crimes. Já teve ímpeto de matar alguém, mas sempre aparecia uma saída diferente. Contam que matou o avô para ficar com o boteco do velho, mas vendeu e cheirou tudo. Isso é mentira, falam isso porque Marival é um ótimo nome para dono de boteco – e era o nome do seu avô – mas na verdade, ele temia tanto o avô que logo antes de morrer ele disse em particular que saísse da sua casa porque não o reconhecia como neto, que a mãe dava para todo mundo e que ele mesmo nem merecia o esforço; ele obedeceu e saiu de casa naquele dia, com nem vinte anos e nem cinquenta centavos do avô. Levava apenas o dinheiro que ele conseguira por si só na rua.

De novo a carapaça e a intimidação toda de que faz questão é de onde surgiu uma das suas mais recorrentes cenas. Marival não tem ressaca porque mesmo sóbrio, não está sóbrio. Se passasse dois meses sem beber, sem fumar, sem porra nenhuma, continuaria um bêbado, um fumado, um porra nenhuma. Mas de noite os bichos saem. Sempre assim. Não foi a primeira vez que chegou na Lama depois de uma da manhã e começou a pedir cigarros, trocados e tragos. Não foi a última vez que conseguiria essas três coisas. Dessa vez, estava lá Marco Antônio com ele e esse foi o único jeito dessa história ser conhecida, porque é provável que ele não se lembre disso acontecendo sequer uma vez. Um incauto e genérico bebedor da rua da Lama que decidiu dar-lhe papo e ficou no papo interminavelmente. Marcantonho só olhava de longe, bebendo qualquer cachaça da garrafa verde de cerveja que providenciou do chão e encheu de uma garrafa de vodca das que habitam as rodinhas da lama, seguia suas conversas, de olho no que ele falava. E em um momento, o malandro degenerado convida o rapaz “você gosta de transar?”. Ingênuo, respondeu que gostava, sem entender o convite.

- Eu tenho 28 centímetros. Vamos transar mais eu, vem – disse embolado e tentando segurar o braço do rapaz que ria.

- Não, brother, valeu, curto essas coisas, não – e ria na cara do perigo,

- Ah, vamo’ logo, vai. Cê vai gostar. Cê faz essas coisas direito, tá na cara.

- Ha! Faça não, valeu – um pouco menos risonho, se levantando.

- Vem, se não faz vai descobrir agora como é – não conseguia segurar o braço do rapaz, que se esquivava lentamente.

- Não, valeu, brother. Boa noite para você – e saiu andando de volta para a sua rodinha, que tinha se movido essencialmente por causa do Marival, que, frustrado, senta-se no sofá de concreto e fica resmungando que queria transar.

Marco Antônio até contou isso para Filé e para Amadeu, que até fizeram graça uma vez com o Marival. Ele disse que aquilo nunca aconteceu e não souberam nunca se ele só negava ou se falava mesmo a verdade que conhecia. A convicção era enorme, maior que o pau dele. E desses breves momentos de lucidez na

ebriedade, Marival era o dono das maiores e mais tristes máximas. Não eram bonitas nem bem feitas, nem bem expressadas. Só eram tristes e gaguejadas na beleza atávica das coisas tristes. O que contrariava o próprio malandro. Os cabelos foram loiros, agora são sujos, a pele foi branca, agora é manchada de sol e sujeira. Uns dentes eram, agora foram. Era o homem mais triste da cidade mas isso não o deixava dois minutos menos feio. Reconhecia amigos em Filé e Amadeu e tinha uma grande amizade por Marco Antônio, mas nunca fez nada para deixar isso aparecer ou sequer para não deixar desaparecer. Na verdade, fazia questão de ser um babaca completo às vezes, exatamente para que não amolecasse sua figura com eles. Outras vezes, ele simplesmente não fazia ideia do que estava fazendo. Era o lado mané dele. Há muito já perdeu a mão de guiar suas ações sobre esse limite. De qualquer forma, seria assim mesmo. Babaca e triste, malandro ou mané.

Marival foi encontrado morto em novembro, em Jardim Camburi, parecia uma criança dormindo.

O outro do grupo era o Amadeu. Ele era um velho sujo que veio do Paraná. Na verdade, é gaúcho, mas morou muito tempo ali pra baixo da Osório em Curitiba, pegou sotaque e tudo. Muito educado e gentil, fala bonito, mas ninguém consegue entender por causa das gengivas inchadas e a língua áspera. A barba é amarelada e a pele vermelha, manchadas de sol. Disse que veio para Vitória a convite de um rapaz que conheceu em Curitiba, prometeu casa e trabalho se ele conseguisse chegar na ilha até o final do ano. Amadeu parou de beber, arrumou uns bicos de ajudante de pedreiro, lavou carro, carregou sacola e os caralhos. Feliz, conseguiu chegar antes do final de três meses, mas perdeu o número do telefone do homem. Amadeu chorou e bebeu em três noites o restolho do que conseguiu juntar para vir pra cá.

Em duas semanas, já tinha restaurado o espírito e o bom humor. Voltou a conversar com pessoas nas praças e a puxar assunto com quem estivesse sozinho em mesa de bar. Não teve vontade de retomar o pique dos bicos e nem saco para tentar arrumar um emprego e uma casa, muito menos fígado para seguir bebendo tanto. Em dois meses, já conseguia fumar quase dez cigarros por dia e arrumou uma gaitinha para ficar tocando, em troca de um dia carregando caixas para o dono de um estúdio que faliu logo depois. Em dois anos, era conhecido entre o pessoal que também dormia ali nos entornos da Ayrton Senna. Tocava gaita, bebia pouco co-

nhaque e fumava muitos cigarros, mas nunca precisou de bitucas achadas no chão. Vitória é um bom lugar para se morar.

Amadeu se chamava Amadeu mesmo. Fala bem pouco sobre a família. Os dois filhos e Emília, uma netinha mais do que radiante que tinha sete meses quando ele foi embora. Deve ter quase vinte já. Quando se emociona mais é pensando que já deve ter bisnetos. São os momentos mais escuros de Amadeu. Fica calado e desacredita que vale o esforço de continuar sustentando tantos órgãos, gastando tanta energia, queimando tanto tabaco e abrindo tantas garrafas. Ninguém liga para ele, ninguém é gentil com ele, a não ser quando não têm troco. Comprou uma segunda garrafa, naquela semana. É bom mesmo que desça macio e reanime. O fígado reclamou, as gengivas doíam feito nunca e até a escoliose deu para encher o saco. Dormiu no começo da madrugada, a garrafa jogada no pé de um posto do lado do vômito escuro. Os dias seguiram com ritmo, mas a tristeza se acalmou um pouco com a rotina e até isso já parecia muito barulho por nada. Sentava no meio-fio e não falava com ninguém. Não ligava para as moças e as pernas passando. Não ligaria para garrafas de conhaque na promoção, para show de graça em Camburi e nem para a sua gaita querida. Sorria somente para o cheiro de pastel de feira e garapa. Sempre que entrava nesses lances de depressão, fazia uma agenda com as feiras que rolavam na cidade. Aos poucos começou a precisar de mais e mais semanas para se recuperar. Dessa última vez foram cinco semanas de pastel até restaurar a âni­ma.

Encontrou Filé e Marco Antônio junto com mais dois jogando palitinho e rindo bastante. Lá perto, uma garrafa de cachaça pela metade e boas vindas das mais sinceras com viado, filho da puta e seu babaca à granel. Beberam aquela e mais outra garrafa, mas Amadeu tomou só um gole. Perguntaram por que estava abatido e ele não conseguiu responder de novo. Já tiveram tantas vezes conversas com esse teor que sentia-se chato em voltar a tocar, desconversou. No começo da manhã, marcava mais de quinze vitórias no jogo e sorria de verdade. Era bom passar o tempo com gente, talvez eu tente voltar para a minha família, será que a Emília sabe de mim?

Num dia qualquer no final de um dezembro, vermelho de sol e Dreher, Amadeu andava umas quatro da tarde pelo triângulo e viu um casal conversando calmamente numa mesa, maço de cigarros à mostra. Alisou a barba e passou as mãos no rosto para limpar qualquer sujeira. Aproximou-se sorrindo e já foi se apresen-

tando antes de um boa tarde que fosse. Estava cansado de oferecer um cumprimento e devolverem-lhe um estamos sem nada, amigo. Falava enrolado e por isso falava devagar quando queria ser entendido. Logo fora interrompido em sua rajada rápida de palavras pela moça respondendo-lhe um boa tarde, sou Diana, seguido de sorrisos dos dois. Engasgou levemente, retribuiu o boa tarde embargado e conversou com os dois, lentamente.

- Eu venho lá do Paraná. Na verdade, sou gaúcho mas morei minha vida toda lá. Gaúcho não, sou do Rio Grande do Sul, gaúcho mesmo é só das pampas de verdade, no Uruguai, na Argentina – e riu, fazendo rir os dois, sem conhecimento de caso – E vocês, são daqui?

- Eu, sim, mas ele é do Mato Grosso – disse Diana sorridente.

- Que beleza, me falam muito bem de lá, é quente, né?

O papo segue menos cordial que num elevador. Amadeu encantado pela atenção dos dois jovens, já rara. Mas ainda de pé ao lado da mesa. A menina era bonita, bem mais bonita do que o rapaz, talvez ele tivesse grana. Ou ela estivesse com pena, ou apaixonada. Escolheu seu melhor sorriso e continuou.

- Vocês estão estudando? O que vocês fazem?

- Ela acabou de se formar em Letras e eu estou no começo do curso.

- Letras? Que bacana, vocês devem gostar de ler, eu imagino, – um tanto nervoso, Amadeu se sentiu, o que diabos ele está falando? – olha, que pecado. Uma moça bonita como você deveria ser veterinária – e esperou com o sorriso pelas risadas. Elas vieram bem amarelas.

- Por quê? – cara, que menina do sorriso mais simpático.

- Ora, para cuidar de cachorro velho que fica jogado na rua – ajeitando a japona, inclinando o corpo e empunhando um sorriso galante para a Diana que ria com o namorado – vou deixar vocês dois para continuar a conversa. Mas eu posso te pedir um cigarro?

Amadeu se despediu com um cigarro aceso e outro atrás da orelha e sentindo-se um dia mais novo subiu a ponte com a gaitinha coçando para tocar. Logo numa esquina em frente, achou um livro de banca de jornal no lixo, pegou porque cabia no bolso da jaqueta. Era *O Diabo*, do Tolstói. Leu numa sentada e pensou em passar no bar e dar de presente para a Diana. Na manhã seguinte, ele comeu pastel na feira. Tinha o dinheiro para pagar, mas pouca intenção, o dono da banca não cobrou daí. Vai ver estou num período de sorte, esses dias, daí.

O corpo de Amadeu foi encontrado durante o mês de setembro, 2011, num beco atrás da Fames, sem a gaita.

Capítulo 2

Capítulo 2

Leão trabalhava fotografando para uma companhia de seguro automotivo em Vitória. Era de uma cidade do interior paulista, na fronteira, chamada Itararé. Opera uma câmera compacta e com pouca habilidade, mas muito gosto. Passou um perrengue em um adultério por lá e saiu meio que fugido. Pediu, conseguiu e fez um concurso para ser transferido pra longe, veio pra cá há uns três anos já, ainda puxava o “r”, como sempre puxará. Aqui também mora em Itararé. Pensa em aprender a fotografar de verdade, só que parece caro. Fez a cerimônia do seu casamento por esses dias, ficou meio apertado de grana, mas rolou. Moça daqui, uma paixão de muito tempo. Condensada nas quatro primeiras semanas de capixabice, espalhada pelos três anos, morta cinco meses depois do matrimônio, tudo normal. Ele não tem o melhor trabalho do mundo. Mas o legal de fazer sinistros de carros era ficar imaginando o que aconteceu, já pegou até uns casos com parte de gente morta também. Sangue era comum, pedaços de pele um pouco menos, um braço foi um caso único. Pensava no que as pessoas beberam para não desviarem do buraco, da areia, do poste ou do magnânimo caminhão. Porque ele consegue dirigir com três, quatro latinhas de boa. Assistia a séries policiais americanas e curti a ideia de fazer parte de uma equipe forense, apesar de saber que no Brasil a coisa seria muito diferente. Várias vezes já se pegou querendo que houvesse uns grandes assassinatos bastante passionais para ter o que investigar e no final ria num tipo de “puta que pariu, olha o que você está pensando”. Brigava com o próprio cérebro às vezes. Do tipo de pensar em alguma coisa absurda, o cérebro dá procedimento, ele se pergunta por que está pensando aquilo, mas chega à conclusão de que é melhor do que pensar em casos explícitos de pedofilia, e lá vem a imagem de um gurizinho sumindo na sombra da batina. Tenta reverter pensando em algo do mais puro teor, que a consciência, por saber de sua intenção, faz questão de foder com tinta vermelha. Fica horas nisso. Burrice era se revoltar tanto com isso.

Telefone toca no dia em que voltou da lua de mel que ganhou dos colegas do trabalho naquele hotel caro em Pedra Azul, era do trabalho. Tinha um sinistro perto de uma oficina ali na Praia do Canto. Já eram quase seis da tarde, trânsito vai estar foda para voltar. Chegou meio de mau humor. Pegou a câmera e foi o mais mecanicamente possível, enquanto conversava com o dono da oficina, já conhecido por causa do serviço.

- *Bora tomar uma ali no Carioca depois? Termina aqui em dez minutinhos.*

- *Hoje é segunda, não vai rolar, Leão. Tenho compromisso com a minha mulher.*

- *Porra, mas só umas, jogo rápido. Acabei de voltar de Pedra Azul e o dia hoje já foi uma merda.*

- *Carvalho, cê acabou de voltar da lua de mel, né? Vai pra casa, rapaz. Dá assistência.*

- *Porra, que é isso? – diz Leão, afastado fotografando, para um Olegário distraído preenchendo formulário.*

- *Como assim, é sua esposa, seu viado. Tem medo de chifre, não?*

- *Não, porra, olha isso aqui! – levou a câmera para um beco do lado da rua. Olegário deixou a prancheta – é um corpo, porra. No meio do lixo – Leão disse enquanto fotografava, arfando. Era seu primeiro corpo sem metal retorcido.*

No meio do lixo tinha um corpo. Fizeram umas fotos e então tiraram as sacolas de cima. Uma delas rasgou e fedia. Caíram restos de comida, papéis, embalagens, latas e garrafas de plástico. Olegário já pegou o celular no bolso e ia ligando para a polícia, afobado e gaguejando “tem um corpo no meio do lixo aqui na Praia do Canto, no meio do lixo, minha filha, tem um corpo, manda alguém logo!”. Era um homem sujo, barba e cabelos bem oleosos e embaraçados. Uma camisa velha e rasgada, bermuda também. Magro, preto claro, começando a ficar careca no topo da cabeça. Leão, então, ficou com medo de o cara acordar enquanto ele tirava mais fotos, sentiria vergonha se isso acontecesse, que bom que ele está morto. Carvalho, olha só, meu. Então ficou olhando, enquanto a polícia não chegava, tentando descobrir como ele morreu.

- Ô, Olegário. Crack dá overdose?

- Ah, deve dar, ué. Acha que foi isso? Ih, caralho, eu conheço esse cara. É o Zé Roberto, um mendigo que ficava ali perto da pracinha direto.

- Cê sabe se ele usava essas coisas, meu?

- Claro que sim, Leão. É tudo drogado, ou então não estaria na rua, porra.

A polícia chegou mais de uma hora depois. Cercou o perímetro e essas coisas todas que eles dizem. Bem interessado, o Leão ficou vendo tudo. Diferente do monte de gente que se juntou para ver e fofocar, bando de desocupados e sem nada pra fazer. Olegário recebeu a polícia, mas logo depois foi embora, ia ouvir bastante da mulher quando chegasse em casa. Leão deu depoimento ali mesmo, mostrou as fotos como quem apresenta um portfólio, mas o policial olhou e nem ligou. Perguntou se era overdose. O polícia olhou bem pra cara dele, pensou um pouco e afinal respondeu que ele tinha sido estrangulado, mostrou as marcas no pescoço, provavelmente um cinto. Bateram nele e depois disso, apontando as marcas roxas na cara. O Leão se assustou um pouco com a informação e já começou com suas longas correntes de pensamentos atropelados. O primeiro corpo inteiro que fotografou foi assassinado.

- Provavelmente foi alguma briga de bar. Morador de rua, né, sabe como é. Bebe uma a mais, tá drogado, arruma confusão e se dá mal. Eu acho até melhor assim, menos um para arrumar confusão. Te contar, viu? Eu já estava quase no final do meu turno e tenho que vir até aqui por causa disso.

- É, eu também. Meu, tomei um susto quando vi o cara ali jogado no meio do lixo, nem terminei de preencher meus formulários – apático e irritado o policial só acenou enquanto levavam o corpo para o rabeção – então, você vai levar o corpo dele para onde?

- O corpo vai pro IML, eu vou para a delegacia.

- Entendi, e vão precisar de mais depoimento meu para a investigação? As fotos? É para eu ir junto?

- Senhor, não vai ter investigação, já te falei, é um caso simples, mendigo morreu, acabou. Vai ser enterrado e pronto. O se-

nhor pode ir embora, não vamos precisar de mais nada, boa noite – disse o policial enquanto fechava a cadernetinha e se virava em direção à viatura.

O pessoal se dispersou. Leão foi para o Carioca, ali na esquina e tomou uma cerveja sozinho, olhando as fotos do Zé Roberto. Pediu uma cachaça assim que fechou a conta. Tomou de vez e tossiu depois. Saiu do bar distraído e foi devagar até seu carro. Na última cama do Zé ele parou e ficou olhando em volta. Fedia e ele não ligava. Viu as cascas de banana, garrafas de refrigerante, arroz marrom com feijão, uma folha de caderno rabiscada, papéis de bala, sacos de pão, sacolas de supermercado e uma maçã muito longe de estar comida. Desse pequeno arsenal, casualmente e se achando num filme de policial, pegou a folha de caderno. Vários parágrafos rabiscados, todos começando do mesmo jeito. Um parecia ser o definitivo.

“Eu sou o Narrador. Eu escolho os personagens, eu escolho seus nomes, eu escolho suas profissões, eu escolho suas casas, eu escolho qual verdade contar para você, leitor. Não deveriam roubar como roubam. Estão todos errados e sujos. Eu decido seu destino. Sou o senhor das palavras e decido quando elas paraão de serem ditas. Eu decido seu destino justamente. Para todo mundo, o destino é cruel e a mensagem será ouvida. Eu sou o Narrador.”

O seu filme não tinha terminado, olhou para cima e para os lados, putaquepariu por que só eu que vi isso? Cadê o policial que não viu isso, meu? Cara, para de viajar. Isso é só uma folha, não quer dizer nada, tá imunda, olha, provavelmente estava no lixo. Porra, não tem como ter tanta coincidência assim. Que coincidência, meu? Se meteu com coisa que não devia, mentiu e teve um destino cruel, tá falando dele. Você nem conheceu o Zé Roberto, como sabe com o que ele se meteu, não viaja. Mas é estranho. É, é estranho, tá, cala a boca. Leão olhou mais um pouco em volta e voltou a andar para o carro. A cachaça já sumiu da cabeça, a folha dobrada de qualquer jeito deitava no bolso da calça. Vou até a delegacia e mostrar para o polícia que tomou meu depoimento. Arrancou com o carro e a cachaça roncou ali do lado. Pegou trânsito na Rio Branco, na Reta e chegou em casa em menos de uma hora, melhor não arriscar delegacia agora. Dormiu pensando no Narrador. A mulher, não.

Coutinho era o nome do policial que tomou depoimento do Leão. Chegou com a cara mais cansada do mundo na DP e comentou o caso inútil que teve que ir tomar. Comentou os detalhes da empolgação besta de um civil no local para um investigador amigo dele que tinha acabado de entrar na sala, com um cafezinho no copo de plástico em cada mão.

- *Sempre irritante. Mas o que foi o seu caso?*

- *Ah, um mendigo que foi estrangulado. Deve ter sido qualquer porra que essa gente arruma.*

- *Estrangulado como? – a voz do investigador saindo mais surpresa do que deveria.*

- *Cinto, eu acho. Rapaz! E como o cara estava fedendo a cachaça e a lixo!*

- *E tinha algum papel com ele? – cacete, por que diabos ele está interessado nessas coisas, não vi papel nenhum lá.*

- *Papel? Que papel, porra? Tinha papel nenhum.*

- *Hum. Olha, acharam hoje mais cedo um morador de rua morto lá em Santa Marta, conhecido como Zé Beto nas redondezas, estrangulado com um cinto. Embaixo do corpo tinha uma folha de caderno com uma mensagem escrota, coisa de psicopata. Pessoal está achando que é um assassino em série – Coutinho ficou olhando enquanto o homem de terno falava e falava.*

- *Olha, não achei papel nenhum, o corpo estava no meio de um monte de sacola de lixo, uma rasgou, disse o civil que chamou a gente. Mas o nome dele era Zé Roberto, também.*

- *Do homem que te ligou?*

- *Não, do que morreu. O civil disse.*

- *Será que estão ligados?*

- *Um assassino que enforca Zé Robertos, moradores de rua, com um cinto?*

- *Vai ver ele nem sabe do nome. Você já despachou o corpo?*

- *Já.*

- *Liga lá agora, se for alguma coisa a gente tá fodido.*

- Entendido, senhor – e foi esquentar as orelhas na linda linha burocrática do sistema criminal. Pelamor, que não me peça para voltar até a cena do crime agora, já estava quase fechando meu turno.

- Ô, Coutinho. E volte lá para procurar o papel direito, tem que estar lá – cacete.

Zé Beto, em Santa Marta, é o bebum do bairro. Daquele tipo gente boa, feliz e que não incomoda o pessoal. De vez em quando sai falando alto, descendo os morros, chega na avenida e continua suas histórias, nenhuma com fim e nem começo. Quando está de bom humor chega até Tabuazeiro, mas é o mais longe que vai. Sua casa é só ali e ele detesta sair de casa. Conhecia todo mundo. De vez em quando até tomava banho na casa de um ou de outro morador mais antigo. Trouxe o costume antigo de pedir comida com as palmas na frente do portão e era raro passar um dia sem ao menos uma refeição. Em casos isolados, mas mais comuns do que gostaríamos, foi Zé Beto que livrou um ou outro morador de assaltos dentro do bairro e nas redondezas. Só por estar lá e por saberem que ele está lá, as coisas se acalmam no bairro. A notícia da morte de um morador de rua não corre tão rápido assim e o bairro levará tempo até esmaecer a aura de proteção que vinha do carisma e da reputação dele.

Sábado de manhã, junho de 2011, Zé Beto já de pé posa de leão de chácara no pé do morro que chega na avenida. Estalando a coluna, com as mãos na cintura. O corpo magro e a pança, a pele escura e manchada, o cabelo baixo e a cabeça achatada, tudo em ordem. Olhava as pessoas passando com Bom dia, Donalice, bom dia Seu Mário, Tudo certinho, Geraldo? Fala, meu rei! Chefias e mais. Algumas pessoas só sorriam encabuladas numa vergonha do contato ou em admitir o valor dele na pequena e abstrata comunidade. Outras respondiam com sorrisos e passe lá em casa para almoçar hoje, Zé, boto prato pra você, meu filho, fique com Deus ou até bom dia e como vai mesmo. Zé Beto sorria bastante os dentes falhados e faltosos. Seus momentos de tristeza já eram muito poucos e pequenos há muito tempo, praticamente inexistentes.

Do longe na avenida viu chegando uma figura semelhante. O andar sem pressa, a cabeça ora olhando para frente, ora para baixo atrás de moedas perdidas. As roupas surradas e nada de perigo ou confiança emanando da figura. Os olhos em grande ressa-

ca e muita calma, sem perder a firmeza do olhar que está quase nunca entre paredes. A barba e o cabelo emaranhados: Zé Roberto abrindo sorriso sacana. Apertou o passo, quase correndo com os braços abertos na sua direção. O abraço levantou poeira e espalhou sujeira que ninguém viu. Como bom anfitrião, Zébetto levou-o para um lugar mais confortável e tirou a garrafa redondinha de um buraco na parede, oferecendo de bom grado em troca do papo sempre agradável.

- Tá feliz hoje. Comeu alguém ontem, foi?

- Não, não foi isso – no entregole – mas foi quase melhor. Vou te contar.

- Pera, eu vou ali pegar alguma coisa para comer na padaria, já comeu hoje?

- Não, claro que não.

Zé Roberto, achado na Praia do Canto, mora perto da Pedro Nolasco. É de Jardim América, mas jurou nunca voltar lá quando brigou com os pais, ainda adolescente. Trabalhou bastante tempo honestamente, os valores hereditários que demoram mais para enferrujar. Casou-se, teve filhos, teve aumento, teve promoção, tinha cunhado e depois foi ver que tinha chifres. Muitos chifres e a nega nem era tão arrumada, mas era seu coração inteiro e todo o amor que restava sustentando um ideal de família. Pronto, foda-se, família é uma merda. No dia que descobriu, deu com força na cara dela, deixou marca na pele e sangue borrifado no colchão pela própria aliança deles. Foi uma só. Não vai ser nunca conhecido como quem bate em mulher. Saiu de casa, parou num boteco longe de casa. Voltou também só uma vez, na tarde seguinte, para pegar o dinheiro que tinha lá. Não falou nada pra mulher, deu um beijo na filha menor, o moleque não estava em casa. Por três anos ainda os via aqui e ali. As crianças tinham raiva dele e isso machucava um pouco. Trocava de calçada quando tinha tempo ou estava acordado. Ficou sabendo que ela foi para a casa da mãe em Muqui e a Vitória passou a ser só sua, nesse dia vendeu por vinte reais a aliança que ainda guardava. Comemorou pagando o fiado do boteco. Perdeu peso, cabelo e asseio, mas era mais feliz agora do que há muito tempo. Mora na rua já há mais de dez anos.

Conheceu Zé Beto ali em Santa Marta, agressivamente sendo advertido sobre os locais. Foi a terceira tentativa frustrada de assaltar alguém. E foi a última, mas ganhou um amigo. Zé Beto disse que ali não era lugar de fazer aquelas coisas não e que se ele insistisse as coisas se complicariam. Seu ímpeto foi de desculpar-se de pronto, suficiente para mostrar para aquele homem a bondade que já tinha sido tão corroída pela maresia. Foram beber juntos aquela tarde e até a tarde seguinte. Mês seguinte, na avenida Maruípe, carregava um copo de plástico com uísque bom que havia trocado por uma bola de vôlei com uns playboys que iam para a praia fazer luau, muito barulhentos. Havia parado para pedir cigarro a um rapaz barbudo que tinha uma cerveja na mão. Ofereceu gole do seu ouro, recebeu papo, o cigarro, cerveja e uma simpatia inesperada. Devia ser universitário. Logo, aproximou-se outro rapaz com outra cerveja e conversaram os três por quase dez minutos. Abaixa-se para pegar o cigarro que escapou da orelha e ouve a abordagem do Zé Beto mais feliz que o normal.

- Rapazes, boa noite, como vão vocês, hoje é meu aniversário e eu estou muito feliz! E como vão vocês?

- Opa, tudo certo? Parabéns, cara.

- Deixa eu dizer, estou tentando inteirar uma garrafa de cachaça ali no bar, preciso de uns cinco contos, cês podem me ajudar aí? – e levanta Zé Roberto.

- É seu aniversário, seu vagabundo? – cordialidade escapando dos dentes que faltavam.

- É, sim, olha aqui a minha identidade – tirando o documento verde com extrema rapidez e entregando para os rapazes – podem conferir aí.

- Calma, cara, a gente acredita em você... Olha, José Roberto, ele também se chama Zé Roberto – disse o barbudo, rindo nos seus vapores. Até então, mais de mês vendo amigo no Zé Beto, não tinham perguntado nomes ainda – aí, ganhou um irmão de nome no seu aniversário, cara – e também deram quase sete reais, os dois rapazes, para a cachaça de aniversário que dividiu com seu xará e uns outros amigos que passassem na hora.

- Você prefere mortadela ou presunto – falou o bom anfitrião de volta em 2011, com dois pães de sal e uma coca-cola.

- Presunto. Então, ontem eu estava lá em Santa Lúcia com muita cachaça na cabeça e no comecinho da noite comecei a ouvir uma gritaria do caralho. Fui atrás e saí na Reta da Penha. Um monte de gente andando, com cartaz, placa, cara pintada e essas porras. Eu não estava entendendo nada. O pessoal gritando “vem”, eu fui, um gordinho me deu um latão fechado e começou a rir.

- Porra, do nada?

- Do nada. Aí que eles estavam andando até a ponte gritando que eram contra o aumento. Gritando assim “vem pular contra o aumento” – disse, pulando e derrubando a lata de coca – Era coisa de deputado político com salário. Aquele mundo de gente andando gritando e pulando me deixou mais louco que cachaça. Fui pulando e berrando abraçado com uns gordinhos.

- Tinha muita gente?

- Porra, pra caralho. Eles pararam lá na terceira ponte e começaram a fazer a maior baderna. Subiram nos murinhos, cantando, com bandeira, cartaz, flor, mulher. Foi bem bonito.

- E você foi junto? Comeu ninguém?

- Eu fui junto, porra, não era isso, cê tinha que ter ido pra entender, Zé.

- Ah, não saio daqui, não, mermão. Meu morrinho precisa de mim.

- É, qual é dessa viadagem, mesmo?

- Não é viadagem, porra. Eu gosto daqui e tenho tudo que eu preciso aqui, vou sair pra quê, caralho?

- Viadagem, isso, sim – um gole na cachaça depois de limpar farelo da roupa – toma essa porra, aí.

Capítulo 3

Capítulo 3

Leão ficou o dia todo com cara de cu. O mau humor se interrompia com a cabeça doendo e enchendo seu saco, com a mulher feliz do seu lado que o fazia responder o mesmo nível de alegria, naturalmente. Ficou pensando no que precisava fazer para ser fotógrafo da polícia. Deve ser muito melhor do que tirar foto de carro batido. Bem, mas daí eu teria que aprender a fotografar de verdade. É isso, tá decidido, tenho que fazer um curso desses, que porra. E chegou a comentar de novo com Lisbela sobre guardar a grana pra isso. Ela disse que não gosta dele sendo da polícia, é muito perigoso, e se tomar um tiro, e se morrer, acabaram de se casar e ele já vem com isso, Deusmelivre. Ele falou que era só coisa depois dos crimes, não tem perigo nenhum, só vai tirar foto de gente morta. Ai, credo, 'Jalminha. Porra, não me chama assim, não gosto. Tá. Vê quanto é um curso desses, a gente dá um jeito, mas tem que ser depois de pagar as dívidas do casamento, tá? Passou no Olegário pra pegar os formulários que tinha esquecido.

- Olegário, deixei as pranchetas aqui ontem, cara. Vem cá, deixa eu te contar uma coisa.

- Porra, Leão, agora não dá não, estou cheio de coisa pra fazer. Minha mulher já ficou puta ontem porque eu atrasei. E aí eu expliquei pra ela e ela não acreditou em mim, acredita? Veio cheia de ideia perguntando se eu estava de rolo na rua, puta merda, acredita? Agora deixa eu trabalhar. Deixa eu trabalhar. Passa aí mais tarde.

- Beleza.

Passou lá mais tarde, tomaram uma cerveja rápida no Carioca. Durante o dia de serviço, pensou pouco no papel. Acabou se distraindo. Procurou por alto algum curso de fotografia ou concurso para a polícia. No jornal, foi dar uma olhada nos classificados e achou só uma câmera profissional, mas cara pra cacete. É melhor

deixar isso pra lá, daqui a pouco a Lisbela engravida e você pagando máquina de fotografia, mó merda. Mas se eu estiver trabalhando na polícia vou ganhar mais, né? Porra, policial ganha mal pra caralho. Será que fotógrafo de polícia é por concurso público? Deve nem ter fotógrafo policial aqui em Vitória, não viaja. E aquele papel de vez em quando voltava para lembrá-lo que tinha possivelmente uma prova de que há um assassino em série na cidade. A própria cabeça tentava humilhá-lo com essas viagens de ter feito algo grandioso, claro que é bobeira. Aos poucos, formulário a formulário, foi deixando essa história para lá. Com o Olegário, no bar, nem falou nada a respeito, só comentou que era o primeiro cara morto que ele tinha visto de perto. Papo suficiente para ele falar sem parar sobre os corpos que já viu e como Vitória costumava ser uma cidade calma, rindo com as histórias dos puteiros antigos do Centro. Ele falava e o copo ficava esquentando, Leão bebia calado e pedia mais outra. Provavelmente não seria mesmo nada.

A noite foi bem comprida para o oficial Coutinho com seu relato ao investigador Galindo, que come sua prima, na verdade. Depois de uma hora no telefone para conseguir cancelar o enterro negligente do indigente, voltou para a cama do Zé, revirou no lixo e as folhas de caderno que encontrou só escreviam golpe de 64, sujeito subordinado, tabuada de 4 e domingo sangrento. Levou-as, mesmo assim, descrente de qualquer valor e sem nada para dizer para o investigador. Foi dormir puto e acordar atrasado. Chegou no serviço para um Galindo franzindo preocupado e lendo o jornal. Comentando atrasos salariais e campeonatos de futebol. Sentou-se e foi passando parte da papelada da manhã. Ninguém mais morreu ontem à noite e nem até agora. E se ninguém mais fosse assassinado na cidade, ele levaria para si a falta de zelo e protocolo com a última morte dolosa de Vitória. Se fosse mesmo um assassino serial, ele seria conhecido como o policial incompetente que o deixou escapar antes de matar outras tantas pessoas. De qualquer jeito, não tirava aquilo da cabeça e nem poderia. Quando voltou do almoço, chamou o investigador para perguntar se tinha alguma novidade. Disse que nos registros tinha um outro morador de rua estrangulado de modo parecido no mês anterior, deixado numa lixeira em Goiabeiras. Só passava “e tinha papel?” na cabeça, mas Galindo continuava falando e falando sem dar brecha para diálogo. Não acharam papel, mas também não procuraram papel, tinha lixo pra todo lado também. Só não tinha lixo em Santa Marta.

Em casa foi a mesma coisa. Se já pensou em mostrar para a mulher a folha de caderno, a ideia perdeu força completamente essa noite. Colocando a chave na porta de casa, lembrou que tinha deixado a folha no porta-luvas. Teve preguiça de voltar até o carro. Amanhã eu mostro. Tirando a chave da porta de casa, já dentro da cozinha, o movimento mecânico de deixar o chaveiro barulhento sobre a mesa tornou-se bem mais lento ao perceber as luzes apagadas, deixou a pasta na mesa também. Foi olhando com calma. Tinha comida no fogão, normal. Prato na mesa, normal. Ganhando a sala para ir ver se a esposa estava no quarto, vê Lisbela no sofá, só de calcinha, sorrindo para ele. Ela tinha ouvido seu carro entrando e preparou a surpresa. Sentada, pediu silêncio, abriu sua calça e começou a chupá-lo ali para terminarem de suar no meio da madrugada, deitados ao avesso e invertidos na cama com lençol e roupa de cama embolados num canto do chão do quarto. Comeram, tomaram banho e viram televisão juntos até dormirem debaixo de luz azul e de sorrisos involuntários.

Correram umas semanas. Faziam aquilo regularmente, ela nem conseguia fazer parecer surpresa mais. Fodiam tanto que só consegui pensar em trabalho se fosse para ser o mais rápido, conveniente e fácil possível para chegar em casa logo. Foder ou fazer amor? Bem, eu estou casado e amo minha mulher, então acho que é fazer amor, né? Mas a gente não faz bonitinho e limpinho, cara, a gente trepa mesmo. É normal casal trepar, porra, ainda mais com a casa toda livre. É, mas seu pai e sua mãe? Eles foderam ou fizeram amor para sair isso aí? Caralho, eu penso muita merda. Mas não importa, estou feliz pra caralho. Isso é verdade. Isso era verdade. A vida estava muito boa, enfim. Ele estava feliz e ela parecia muito feliz também. O tempo foi passando tranquilamente. E quando estava muito tranquilo, Lisbela disse que seu pai ligou para dar notícia de que estava doente, no interior. Era mentira. Ela sabia, ele sabia, o pai sabia que eles sabiam, mas queria ver a filha e era seu direito. Ela foi numa quarta-feira, de ônibus. Leão iria na sexta à noite, depois do serviço. Lisbela mostrou o lado irritante da mulher casada, repetindo que conferisse se estava com o documento do carro, carteira em dia, essas coisas que ele sabia que estavam todas em ordem. Cê pega estrada aqui e se te param dá merda.

Quinta de manhã. Sentiu saudades muito genuínas da esposa e acordou todo sujo, com o braço cansado e a mão doendo. Porra, meu, quando você se acostuma com uma coisa é foda. Saiu

de casa e tomou café na padaria porque não iria passar uma garrafa só para si. Pensava ainda na mulher e decidiu conferir se estava mesmo tudo em ordem com os documentos do carro. Abre o porta-luvas. Puxou a imensa quantidade de papéis do compartimento: higiênico, guardanapo, notas de dois, notas fiscais, embalagens plásticas, documentos embalados em plástico e a bendita folha de caderno. Documentos ali, habilitação em dia. Arranca o carro e vai a caminho da agência. Sinal vermelho. É, não estou fazendo nada. Pegou o celular. E o telefone irritava Leão sobremaneira. Um nove zero e um tempão para alguém dizer a ele que a delegacia de homicídios ficava do outro lado da cidade, na contramão do serviço dele, ainda por cima. Vai deixar para depois, se chamarem lá perto, vai pensar a respeito. Talvez tenha sorte de que algum filhinho de papai tenha se estrepado e batido o carro lá em Bairro Vermelho, cruzou os dedos, para o seu breve acesso de horror a si mesmo. Parece algo que o incomoda, mas na verdade, ele vive assim numa fina harmonia, é só o jeito como funciona o pensamento dele: uma consciência quase personificada constantemente dizendo-lhe que não deveria pensar aquelas coisas, mas que insiste em jogar as imagens propositalmente na sua hipocrisia fina. Lembra que o policial disse que não precisariam de mais nada dele, mas essa era uma informação desconhecida, pode ser importante. É bobeira. Não, pode ser importante. Ah, foda-se.

O chefe aliviaria o atraso dessa manhã com os formulários da quarta porque o cliente era um babaca e porque ele mesmo adorava ouvir qualquer história no meio do expediente. Dá para passar lá antes. Não, vou para o serviço antes, é melhor. Sempre bom evitar de incomodar um chefe. Acho que nunca leu um livro, esse babaca. Do que cê tá falando, cara, qual foi o último livro que você leu? Leão planejou contar ao chefe o caso de quando chamou a polícia, mostrou fotos do corpo e glorificou um pouco o achado. Tem a impressão de que se tivesse visto o corpo sendo desovado lá, receberia um aumento, tamanho é o entusiasmo do velho. Imagina se tivesse ele mesmo matado o pobre diabo? Vou guardar essa história. Boa.

Mais ou menos três da tarde, do centro da cidade recebe um chamado numa oficina em Bairro Vermelho. Opa! Se for jogo rápido, dá para passar na delegacia de homicídios, cumprir seu dever de cidadão e quem sabe até descolo umas informações sobre trabalhar na polícia, putamerda vai ser foda. O carro se dirigia au-

tomaticamente, passando cruzamento, fechando sinal e somente duas setas no percurso todo, ele só se coçava no rosto e no papel dobrado e amassado no porta-luvas. Um monte de merda na oficina. Uma caminhonete bateu na traseira de um golzinho parado no sinal, na frente da porra do posto da polícia rodoviária indo para Guarapari. Amassou o porta-malas e assustou o casal de idosos que dirigia, o lanterneiro pediu seis contos dos proprietários para consertar, acionaram o seguro e Leão deixou passar porque estava pouco se fodendo para aquilo; eles pagariam a franquia da seguradora, quase dois mil, só porque não quiseram prestar queixa do motorista daltônico da caminhonete, malditinho estressado. Beleza, foi jogo rápido, clique-clique, risca-risca e a DHPP fica a quatro quadras. Abre o porta-luvas e liga o alarme do carro já na porta.

Telefone toca. Uhuns, uhuns, sim, sim do investigador Galindo. Chamam Coutinho no balcão, tinha alguém chamando por ele. Com a mão, diz que conversariam mais tarde, ainda murmurando. Era o filho da puta do civil com um sorriso escroto na cara e a mão estendida. Coutinho era um cara que gostava de se ver como uma pessoa lógica, apesar de todo o lance com o cristianismo, missa e tudo mais. Ele sabia que era estúpido perseguir um assassino em série em Vitória, provavelmente não passava de coincidências ou só putaria. Ainda bem, porque se fosse de verdade, daria trabalho pra cacete para resolver e não acredita que a equipe esteja preparada para uma tarefa desse tipo. Mas esse caso em particular fica espetando a pequena curiosidade do “e se for verdade?”, tem gente maluca em Vitória também. Nesse mês e uns dias, os fatos, mesmo pequenos, já lhe deram lenha para consumir em argumentos e contra-argumentos, ses e portantos, issos e aquilos. Ficou na dúvida se tinha mesmo uma possibilidade ou se tinha mesmo cabimento. E então aparece esse babaca com cara de ontem espontaneamente para falar com ele.

- Boa tarde! É você mesmo, não tinha certeza se lembrava do nome direito. Coutinho. Fiquei na dúvida. Boa tarde.

- Boa tarde, senhor...?

- Leão – respondeu enquanto ele tirava a cadernetinha do bolso da camisa, buscava alguma página e o apontava a duas cadeiras.

- Senhor Degialma Leão, tá aqui – leu e olhou com um certo estranhamento para a cara do sujeito.

- Isso, só Leão tá bom – respondeu, como que se justificando pelo nome estranho.

- O senhor não é daqui de Vitória, é?

- Ah, eu nasci em São Paulo, mas já moro aqui tem tempo. Já como moqueca – e riu nervoso, mas breve, esperando resposta. Não.

- O que posso fazer pelo senhor?

- Bem, você se lembra do lugar que... lá perto da oficina que... onde aconteceu lá, e o cara que morreu, né? Então, depois que você foi embora, eu achei isso aqui no meio do lixo – e o filho da puta do civil tira do bolso da calça uma folha de caderno dobrada e sujinha, mas era como se aquilo brilhasse. Estendeu, entregando. Abriu, viu os trechos rabiscados, leu a mensagem, era parecida com a outra, seria esse o papel? – Olha, eu não sei se isso significa alguma coisa, meu, mas eu achei muito esquisito. Achei melhor trazer aqui, em todo caso. Tá?

- Muito bem. O senhor está dizendo que voltou ao local do crime, revirou no lixo, achou isso aqui e resolveu trazer hoje? – o tom de voz parecia acusá-lo de assassinar a própria mãe.

- Olha, eu estava passando lá no dia, olhei lá e achei esse papel lá – o lábio inferior tremia enquanto ia falando atrás de uma pele fria – fiquei esse mês todo achando que era bobeira, daí me chamaram no serviço aqui perto e então eu trouxe, tá? Eu não fiz nada, tá? – O policial olhava duro e depois de uma pausa que durou um tempo inestimado, respondeu.

- O senhor me acompanhe até a sala, gostaria de tomar um novo depoimento, por gentileza – olhou a hora no celular e sabia que era tarde demais já. Levantou e foi se preocupando. Sabia que ia dar merda, filho da puta, porque não ficou em casa batendo punheta hoje o dia todo?

A sala não era nada como as que ele via na televisão. Era uma sala normal, parede pintada de branco e descascando normal, lâmpada normal, uma mesa de madeira com umas cadeiras normais em volta, um bebedouro de plástico com aqueles galões de vinte litros no canto da parede, normal. Esperava algo especial, aqueles espelhos falsos, pelo menos. O computador em uma pequena mesa do outro lado da sala era a única tecnologia, mas

parecia anterior ao bebedouro. Bebeu dois copos e serviu o terceiro para sentar-se e esperar que voltasse o policial. Disse que não poderia demorar muito, porque estava em horário de serviço, mas não sentiu que ele ligasse nem um pouco para isso.

Oficial Coutinho foi até a mesa do investigador, já fora do telefone, via e assinava uns papéis. E ele jogou outro papel, então, brandindo um “tá aí” glorioso. Explicou que o civil apareceu com esse papel, dizendo que o tirou da cena do crime do dia tal e que estava na sala para que fosse tomado outro depoimento. Galindo disse que acabaram de achar outro corpo, estrangulado. O policial ficou ligeiramente feliz por estar na pista certa.

- Era um velho, morador de rua, estava com a boca cheia de sangue, as gengivas podres e marcas vermelhas no pescoço, lá na Fames.

- Qual o nome dele?

- Não me passaram isso ainda, estão identificando. Mas pedi para o Aroeira me avisar prontamente se tivesse algum caso de estrangulamento. A cena do crime já foi até liberada, sem problemas. Pelo menos essas coisas não atraem jornal.

- E o papel? Tinha papel dessa vez?

- Não.

O policial entrou na sala junto com um homem de terno e um rapaz bem mais jovem, uns 30 anos, com camisa social. De pé, Leão apertou a mão do homem de terno, que se apresentou como investigador. Sentou-se na cadeira, novamente. Os dois sentaram-se do outro lado e o rapaz na cabeceira abriu um laptop. Vai ver o computador nem liga. É, e a gente tá fodido, porque se estão desse jeito, vão acabar é levando você em cana, por falta de suspeito melhor. Puta merda. O investigador falou pouco. Coutinho explicou que repetiria as perguntas para entrarem as respostas no depoimento oficial. Repetiu as respostas e foi recobrando a calma, acreditando que logo sairia para o trabalho. Mas

- Por favor, repita – disse o investigador – a sequência dos fatos de quando você encontrou o corpo, senhor Leão.

- Eu estava fotografando um carro na oficina do Olegário. Lá é uma oficina de esquina, né? E na rua do lado ali, do lado do poste tinha um monte de sacola de lixo e um corpo embaixo ali, meu. Eu tomei um puta susto quando cheguei perto, daí o Olegário ligou para vocês mas já estava quase dando o horário de fechar dele. Eu tirei umas fotos do corpo no lixo e então a gente foi tirar as sacolas de lixo de cima e uma estava rasgada, você viu a bagunça que ficou, né, – apontando com a cabeça – policial Coutinho? Então vocês chegaram de viatura, eu falei tudo e – uma leve pausa – o policial Coutinho disse que não precisariam das fotos, que era um caso normal, né? E quando vocês foram embora, fui comer alguma coisa no bar ali perto.

- Prossiga – pediu o investigador, ante a nova pausa do homem nervoso, olhando para o policial. Caralho, que merda você falou, agora, esse policial vai cair comendo em cima da gente, fica calmo e não fala merda. Era o que se passava na cabeça do Leão, pausando a boca.

- Bem, desculpe, eu fiquei um pouco nervoso. Foi a primeira vez que vi alguém morto perto de mim. Quando voltei do Carioca para o meu carro, passei lá de novo e fiquei olhando um pouco. Tinha muito lixo. Eu vi uma folha de caderno e peguei para ler. Tinha um monte de rabisco. Eu achei que não era nada e esqueci. Então hoje eu lembrei, estava vindo aqui do lado a serviço e resolvi entregar para vocês – comiam o seu tempo as vezes que teve de repetir a história, sempre igual. Até a merda que falava do policial Coutinho era a mesma e sempre se achava estúpido por falar de novo.

- Muito bem. O senhor achou uma folha de papel no mesmo lugar onde o senhor achou um homem morto, mas se esqueceu, correto? Então, pouco mais de um mês você se lembra e vem aqui entregar – diz um Coutinho começando a rouquejar a voz. Se eu for suspeito dessa porra, posso até ganhar um aumento, se contar a história direito. A sua voz voltou a tremer um pouco.

- Correto, é que você mesmo falou que não ia precisar das fotos, meu. Achei que fosse nada importante no papel, – ah, vai se foder, para de jogar merda no cara, meu. Olha a cara dele pra você – só que como eu ia passar por aqui mesmo, achei por bem trazer. Olha, eu não fiz nada, vocês estão suspeitando de mim? Eu só quero ajudar – pararam um pouco, sem nenhuma expressão.

- Senhor Leão, onde o senhor estava na segunda feira, dia 15 de agosto?

- Dia 15?

- O dia em que encontrou o corpo.

- Ah, tive uns quatro sinistros para fotografar e o quinto era lá no Olegário. Tem tudo lá na agência, eu garanto.

- Nós vamos checar, senhor. Vamos precisar apreender a sua câmera.

- Pra quê? Eu preciso dela para trabalhar.

- Por causa das fotos, senhor Leão.

- As fotos estão no computador, já tirei da câmera, eu uso para trabalho.

- Computador pessoal?

- Sim, no serviço.

- Pois bem, a gente entra em contato – plácido Coutinho soou, como um alvorecer para a frase que vai permanecer com Leão para sempre, tão inesperada – nos avise caso pretenda sair da cidade. – putaquepariu, ouviu? Eles falam isso mesmo. E falaram para mim! Saiu pela porta da sala sem graça, andou em silêncio. Saiu pela porta da delegacia e entrou no carro. Chegou no trabalho e contou a história mais emocionante da sua vida para o chefe, que se cagava com os olhos brilhando e até aspirou a um arrepio quando eles disseram sobre sair da cidade. Estava a dois passos de um lugar cativo na empresa. Caralho, a Lisbela tá me esperando em Guaçuí.

Capítulo 4

Capítulo 4

O corpo do velho da Fames estava bastante sujo de rua e de sangue seco. Escorreu da boca, pintou o queixo, o pescoço e quase toda a camisa. Ainda eram bem evidentes as marcas do estrangulamento. Como os outros, ele tinha morrido há coisa de três dias quando foi encontrado, segundo o laudo pericial. Até o de Maruípe, que estava ao lado do portão de uma casa. Levaria só um dia, mas era uma sexta e os moradores da casa viajaram pelo fim de semana. De todo jeito, as pessoas não reparam no cheiro nem cutucam para ver se estão vivos. Aquele sangue todo veio das gengivas extremamente inchadas. O papel trazia a mesma baboseira de sempre.

“Eu sou o Narrador. Eu escolho os personagens, eu escolho seus nomes, eu escolho suas profissões, eu escolho suas casas, eu escolho qual verdade contar para você, leitor. Não deveriam mentir como mentem. Eu decido seu destino. Sou o senhor das palavras e decido quando elas pararão de serem ditas. Para todos, o destino é gentil e a mensagem será ouvida. Eu sou o Narrador.”

Já estava começando a irritar.

O fim de semana no interior foi bom para o Leão. Viu os pais da esposa, descansaram do tumulto e do barulho de Vitória. A cidade tem tudo de aconchegante e amnésico. E foi só no carro voltando pra casa que ele falou com Lisbela sobre a folha, a polícia e aquela puta frase que ouviu. Não queria falar nada, na verdade, mas era melhor não criar problema no comecinho tão gostoso do casamento, principalmente porque a família dela não é louca, feito a da sua última noiva. A semana passou e ela ficou assustada por mais uma outra semana ainda. Depois passou. Ela carregava uma admiração infundada pelo marido, não sabia dizer qual era o ponto exato que a atraía. De toda forma, passou a vê-lo com muito mais coragem agora. Não faz ideia do porquê ter achado uma pessoa morta. Continua uma atração infundada, mas ela não percebeu. Passou o mês e outro. Fodem menos intensamente do

que no começo da relação, mas nada demais. Ele começou a dirigir mais atentamente, olhando sempre para as calçadas e pontos de coleta de lixo. Praticamente não ouvia o que o Olegário ou os funcionários da oficina falava, olhando em volta. Decidiu passar na delegacia, quando desse, para ver se alguma novidade apareceu. Pensava na mensagem que ele não transcreveu e já não se lembra muito bem das palavras exatas. Lembrava da caligrafia, da ideia e dos rabiscos, mas não das palavras. Vai ver tinha alguma coisa escondida. Melhor dizer isso para a polícia. Impressionou-se, um dia, quando percebeu que já há muito não perdia tempo discutindo consigo mesmo. Estava completamente focado nessa história. Lisbela percebeu, mas não falou nada.

O investigador Galindo ligou na agência, conferiu o álibi do Leão e brevemente confirmou o que já imaginava. Deve ser só um civil chato tentando ajudar. No correr do mês, ele passou na delegacia e pediu para ter com o investigador para perguntar se tinha alguma novidade no caso, como se ele pudesse mesmo fazer uma coisa dessas. Vai segurá-lo para tomar depoimento de novo e parecer ameaçador, só para ver se ele dava linha. A contagem de mortos já passa de seis. O cara devia achar que está limpando a cidade, matando mendigos e o Galindo até concordava, mas seu dever era cumprir o serviço, mesmo sem concordar com as premissas.

- Você acha que pode ter sido esse cara, Galindo?

- O Leão?

- É – disse, servindo o resto da cerveja no copo dele e pedindo outra.

- Acho que não. Além do mais, ele tem um álibi.

- Mas ele trabalha visitando várias oficinas. Pela cidade toda, não quer dizer nada.

- Pode até que seja ele. Mas ele ainda tem álibi. Entendeu? – acende um cigarro devagar – De todo jeito, não acho que ele seja do tipo. Que tenha a coragem.

- A gente nunca acha.

O depoimento foi exatamente o mesmo, um pouco mais nervoso, apenas. Leão chegou na delegacia com um sorriso de quem

se sentia em casa, não tão comum para ele. Pediu para chamarem o investigador novamente. Novamente perguntou se havia alguma novidade e perguntou se poderia ver o papel de novo.

- *Não consigo me lembrar das palavras direitinho, sabe?*

- *Das palavras, senhor?*

- *É, daquela mensagem. Fiquei pensando se não tem nada escondido lá.*

- *Escon- – paciência subindo pela goela – escondido onde, senhor?*

- *Sabe? Como uma pista para a identidade dele, um jogo de palavras, sei lá.*

- *“Sei lá? Olha, o senhor pode ficar tranquilo que a gente sabe fazer a porra do nosso trabalho” – não disse isso – O senhor me acompanhe, por favor – e o levou até a sala de interrogação novamente, cara babaca.*

Mais ou menos como aquele lance da melancia caindo de cima de um prédio, o choque que Leão levou ao ter que dar o depoimento novamente fez brotar suficientes argumentos para a sua batalha de culpa. Parabéns, agora vão te prender e vamos tomar no cu, não podia ficar quieto, né? Seguiu se interrompendo durante todo o tempo na sala normal. Mas no final conseguiu responder tudo dentro da mesma versão, A mesma versão ou a verdade? Porra, a versão que eu dei é a verdade. Sei. E então o investigador o pergunta por que ele voltou na delegacia aquele dia e o que ele sabia sobre as mensagens. Meio encabulado, respondeu que era só porque foi chamado a uma oficina ali perto e que não sabia nada das mensagens, mas que tinha visto na TV que essas coisas acontecem na cabeça de gente louca. Gente louca, bem sutil. Galindo mantém o ar desconfiado sob as sobrancelhas acima da cabeça do Leão. Sai da sala e o deixa de molho uns vinte minutos. Voltou na constância da expressão de desprezo por ele, acompanhado de um policial que diz que ele pode se retirar. Galindo apenas acena com a cabeça enquanto ele se despede. E pelo resto do dia e do mês ficou com o cu na mão. Putamerda, pra quê? Pra que eu fui fazer isso de novo? Porra, porque você acha que pode ajudar a pegar o culpado. É, mas é mais inteligente ficar quieto na minha. E se eles não pensaram naquilo? Foda-se, eu deveria ter ficado na minha,

são só mendigos e eu me deslumbrando achando que faria qualquer merda. Devia tentar entrar para a polícia, vai ver faz alguma coisa direito.

A investigação obviamente já tinha começado a trabalhar no conteúdo da mensagem. Possivelmente foi a primeira coisa que fizeram. Pessoal da grafologia deu uma olhada também, disse que as mensagens eram da mesma pessoa, um homem com mais de 30. O “Narrador” acha que está no controle e que tem o direito disso, provavelmente é classe média. Como se houvesse assassino em série fora desse estereótipo. Procuraram pelos corpos quaisquer mutilações ou hematomas que indicassem parte da sua mensagem, nada. Eram todos mendigos sem profissão, moradores de rua. A mensagem falava sobre mentir, falava sobre estarem errados, pensamentos impuros e sujeira natural, ele está agindo como juiz, júri e executor. Duas mensagens, todos estrangulados, alguns com cinto, uns com as mãos. Deve ser um homem forte, para conseguir fazer isso. Sempre caídos perto do lixo. Apareceram nos registros, cerca de mais quatro corpos de moradores em situação de rua com a mesma causa mortis, espancamento e estrangulamento, encontrados perto de pontos de recolhimento de lixo em Vitória. Galindo teve o palpite de que encontrariam outro corpo com mensagem, estrangulado com as mãos. E foi no meio do mês de outubro que apareceu um outro corpo próximo da rua sete, no centro. Estrangulado, achado do lado de algumas sacolas de lixo, mas o investigador acertou só até aí. Esse homem foi estrangulado com um cinto, não havia mensagem e não era morador de rua. Era um escritor. Saulo Ribeiro.

O trabalho da polícia agora se complica. Agora vai ter alguém para se incomodar. Agora têm pressa para resolver o caso, porque se esse cara passar a matar gente assim, com emprego, impostos e família, a coisa vai complicar. Graças a Deus não tinha mesmo mensagem, dá pra passar como uma investigação qualquer ao invés de conectar a uma série de assassinatos, se a imprensa chegar em cima, e talvez até seja só coincidência, digo, não é só porque duas pessoas são assassinadas no mesmo dia que elas necessariamente estarão relacionadas, certo?

- *Senhor, e se esse for o assassino? – arrisca um tímido Coutinho.*

- *Matou um monte de gente e se matou depois – como luz*

no fim do túnel, sem sorrir, continua o investigador – pode funcionar. Você acha mesmo?

- Ele é escritor. Essa gente é louca, daí para matar de verdade é um pulo.

O medo da polícia foi decepcionado. As investigações até se apressaram, sem muito sucesso. Mais um corpo apareceu no dia seguinte, provavelmente morto há mais de semana. Com uma mensagem a respeito de intolerância rabiscada no braço dele. Houve ligações denunciando brigas entre moradores de ruas. Emissoras de tevê, em seus jornais, anunciando a morte do autor e em notas separadas as mortes de personagens das ruas e em menos de dois meses já não se falava mais no assunto. Mendigo morre o tempo todo. Já podiam respirar e investigar com calma novamente.

Essa calma trouxe mais clareza, como era de se esperar e foram feitos desenhos possíveis sobre o mapa de Vitória. Em um deles, com as datas estimadas das mortes e a localização dos corpos, via-se um zigue-zague rabiscando a cidade, iniciando-se em Goiabeiras, descia e subia no mapa até Camburi de novo, portanto dever-se-ia reforçar a vigilância em Maria Ortiz ou na reta do aeroporto, onde seria o próximo ataque provável. Outro desenho, desconsiderando as datas, via só a posição das mortes, semelhante ao seis de um dominó, podendo representar uma letra E, H, O ou até mesmo X, mas não indicaria nada a respeito de qualquer um que pudesse ser o suspeito, mas se tentava mandar uma mensagem, como disse, essa poderia ser uma. Sem falar de cerca de quatro corpos que apareceram e possuíam letras marcadas na pele. Tentaram levantar a ficha dos moradores de rua assassinados para saberem quais foram suas profissões, se já tiveram um dia, mas não tiveram muito sucesso nessa empreitada tampouco. Voltaram a averiguar os locais buscando por palavras, letras ou quaisquer mensagens, mas descobriram que há muita gente que deixa esse tipo de marca pela cidade. Todos os pontos estavam pichados ou havia alguma pichação próxima. Ficava difícil de ler, desse jeito. O caso estava tenso.

No meio do mês de Janeiro, contudo, já havia mais corpos. Nenhum tipo de mensagem. Nem sempre o lixo por perto. Outras informações entraram nas pesquisas também, por exemplo, as pichações. Em todos os pontos onde corpos foram encontrados, havia o desenho de uma espiral em preto. Passaram a observar

esse desenho em vários pontos da cidade e um leve terror de tanta gente morta sem que eles tivessem se dado conta. Seria possível? Os desenhos no mapa, que já mudaram de acordo com nomes de ruas, datas estimadas da morte, datas das denúncias dos corpos e outras variantes e decidiram que o ponto mais lógico para um próximo ataque seria, de fato, Maria Ortiz. Dia quinze, gente na rua. Policiais à paisana. Um homem levemente gordo, de mochila, põe a mão na fivela do cinto no meio da rua. Os policiais o observam com mais atenção. O cinto tocando a mão. Não levaram cassetetes. Ele entra em uma rua menor. Começam a segui-lo. Ele some em um beco, passo normal, não parece ter percebido a perseguição, guarda o cinto. Os dois policiais entram na rua e não o veem, seguem na rua, avistam alguém em um beco, parado, mexendo na mochila; um se aproxima lentamente, o outro decide dar a volta. Tira uma lata de spray, balança e pinta a parede. O policial segue andando pelo beco e reconhece a espiral preta, aborda-o se identificando, o homem se assusta e tenta correr, sendo brevemente interceptado pelo parceiro. Levam-no para a delegacia para interrogamento.

- Investigador Galindo, recolhemos um indivíduo pichando a espiral em Maria Ortiz, senhor. Um gordinho. Uns vinte e dois, senhor. Sim, senhor, estamos a caminho. Entendido, senhor.

ARCO 2 - MEIOS

Capítulo 5

Capítulo 5

Eu sou o Narrador. Eu escolho os personagens, eu escolho seus nomes, eu escolho suas profissões. Eu decidi seu destino justamente. Para todo mundo, o destino é cruel e a mensagem será ouvida. Eu sou o Narrador. A rua é minha porque fui eu que criei a rua. Eu que desenhei cada reta, cada curva, cada brita que brilha toscamente na luz dos postes, que também fui eu quem fiz. Eu fiz cada traço de cada casa e de cada caráter. Eu criei todo o mundo e todo mundo e todo mundo e todo o mundo têm que me respeitar. Eu sou o Narrador, eu sei de todas as coisas e eu decido tudo o que for verdade ou o que eu quiser que seja conhecido. É minha a descarga de pensamentos, ideias e cores, todos presentes ou agentes nesses conceitos devem subserviência a mim e a mim somente. Eu sou o Narrador. Nenhuma das minhas criações tem ou sequer poderia ter a menor noção da minha identidade, mas absolutamente sentem a minha existência. Eu sou o Narrador.

O Narrador trabalha no Banestes. Tem coisa de vinte e tantos anos e gasta todo o salário com comida, bebida e o condomínio do apartamento do pai morto. Bebe rum, só. Só rum e água, não bebe nada mais. Café também. Não bebe refrigerante, suco, leite ou água de coco. Nem tônica. De vez em quando uma coca gelada para a ressaca. Tem vontade de beber chá, mas nunca compra. Às sextas e ocasionalmente quintas ou sábado bebe rum na Lama com alguns colegas do trabalho. Ele se chama Ian Quintela e tem a brilhante impressão de que é um homem brilhante. Ele soube sempre que não iria alcançar nenhuma das suas metas de criança. Criou metas novas na adolescência e das metas novas só conseguiu o concurso do Banestes, já no final, depois de não ter conseguido um outro melhor e nem um vestibular. Sabia que sua inteligência não era do tipo clássico. Vivía o épico medíocre da classe média, não é triste o suficiente para reclamar com propriedade da vida e nem feliz o suficiente para relaxar e aceitar as coisas que vierem, era absurdamente o médio, o medíocre, o equilíbrio desarmonioso. E é babaca também, todos são.

A partir do último reajuste salarial foi que ele decidiu abandonar essas metas da adolescência. Quando criança queria ser médico. Na adolescência, queria uma namorada, tocar numa banda de rock, não ter muito dinheiro, mas conseguir se virar. As namoradas vieram, mas não ficaram. As guitarras não e nem o dinheiro. Prestou vestibular para arquitetura, não passou. Começou a estudar para concursos do nível médio, falhou em dois que o interessavam mais que o Banestes, começou a trabalhar e se prometeu continuar estudando para ver se arrumava um melhor. Já está lá há seis anos e não liga mais. Seu rock era só de ouvir. Leu um resumo de *Crime e Castigo* uma vez. Não liga para a internet, não se sente confortável no cinema. Não faz questão de ler jornal ou de saber em quem votar. Inclusive, durante as eleições, costuma catar santinho no chão e votar nos candidatos cujos panfletos estiverem com melhor aparência. Acredita na meritocracia no sentido de que ele vai sobreviver e se foder com qualquer governo, de qualquer jeito. Acha bela a arte de contornar qualquer problema que apareça, mesmo que seja só aceitar o paradigma daquela nova vida. Suas metas da adultice eram continuar trabalhando, arrumar uma esposa e manter sempre uma garrafa de Bacardi não-vazia em casa. Está conseguindo realizar dois dos seus três sonhos.

Acendeu um cigarro no isqueiro de uma garota muito bonita na esquina da rua da Lama, antes de voltar para o seu lugar no banco de concreto, ali do lado. Bebia com os rapazes depois do trabalho. Receio que a apresentação que eu fiz dele tenha passado a ideia de que ele é um antissocial ou sociopata clínico, dos tipo que se vê em filmes ou livros – não em novelas. Não procede. Mas tampouco vou dar uma máscara extremamente eficiente para ele agora, como se conseguisse ser completamente amável, atencioso e gentil quando apertasse um interruptor ou com um dispositivo quântico que não faz som quando não tem árvore caindo por perto, nada desse tipo. Imagine o protagonista de “Office Space” ou talvez um Edward Norton no Clube da luta, qual era o nome do personagem mesmo? Mas só antes de trepar com o Brad Pitt. A cara apática do perdedor consciente de que quer ser alguma coisa e não vai chegar lá. Isso não exclui a habilidade social ou a inculpabilidade moral, só abaixa o volume antes das dez. Não foi falar com a garota, olhava ferozmente desejando que algo nele despertasse um interesse absurdo nela. Na maior parte do tempo, tinha preguiça de fazer essas coisas, jogar esses jogos ou tentar manobrar o suficiente para conseguir se relacionar sem conflitos de interesses. Bebeu outro gole. Não falou com a garota.

Inflamado por meia garrafa de rum, certa noite, abriu o computador e começou a escrever um mundo de fantasia. O mundo tinha uma atmosfera estranha, até um metro e meio de altura o chão era coberto por uma camada de gás nocivo à saúde dos habitantes que o inalassem por mais de duas horas. Dessa forma a sociedade era formada majoritariamente por indivíduos altos. A minoria de baixa estatura sobreviveu de acordo com sua habilidade em escalar árvores. Desmaios costumavam ser fatais. De alguma forma, o código estético da arquitetura era pouquíssimo ergonômico e nunca houve a intenção de se construir palafitas ou qualquer sorte de estrutura que os afastassem do chão. Isso resultou em um grande sentimento individualista que pregava ser feio ajudar quem não tivesse força ou natureza de sobreviver pela proximidade com o chão. Aos poucos a população dos fracos e baixinhos ia diminuindo, os anêmicos e sonâmbulos também. A economia era simples e progredia, logicamente, num sistema de subsistência sustentável. O povo dormia em rede e trabalhava pouco porque tinha tecnologia avançada. As lendas diziam que o mundo foi criado por um ser alto que escreveu toda a existência numa folha de papel do céu da noite. Dizem que quem conseguir rasgar um pouco do céu da noite poderá criar universos para si. Os hobbies preferidos da sociedade, que era pequena, eram música, um esporte parecido com o futebol e o ato de consumir substâncias que alterassem a percepção. A substância mais popular se chamava Húm e era distribuída gratuitamente, só a honra de ser produtor era pagamento necessário, assim como o apoio governamental. O sistema social conseguia garantir comida para todos. Não se conhecem doenças de difícil tratamento ainda. Havia moeda. Não se investia dinheiro público em esporte. Havia uma lei que incentivava, mas não obrigava, o reconhecimento público de bons músicos por meio de acenos na rua. Criou-se, também, uma lei que proibia o corte de árvores e o casamento entre pessoas com mais de 30cm de diferença, pois a miscigenação poderia resultar no dízimo da espécie. Húm poderia ser bebido ou congelado e esfregado no corpo e ainda assim funcionaria.

- Cara, dízimo da espécie? – e ele respondeu que É, de diminuir a população. Olha, se rolar miscigenação a população vai começar a ficar mais baixa e então não vão conseguir sobreviver ao gás nocivo, entendeu?

- Sim, entendi, mas não é assim que se usa dízimo. Dízimo é

coisa da igreja. Que a gente paga dez por cento do salário, – disse um rapaz chamado Diogo, do trabalho, menino mais novo que bebia com ele e riu na hora do Húm – sacou? – sim, ele sacou. Disse que sabia o que era o dízimo, caralho, mas na verdade achou que usavam a palavra dessa forma. Tem que checar isso em casa.

- Beleza, é, está engraçado. E o que vai fazer com isso? Vai criar personagens?

De cima de um muro do terreno abandonado de uma das ruas ali perto da Reta da Penha, Marco Antônio chamava Filé, balançando freneticamente as mãos sem fazer barulho. Um maluco tinha aparecido com duas garrafas de pinga boa. Pularam o muro e lá dentro viram um lugar todo arrumadinho. Ele tinha alguns colchonetes e uns panos debaixo do que agora só pode ser chamado de marquise na parede que sobrou da construção que havia ali antes. Papelão e um monte de coisas em volta. De pronto já disse que eram convidados só para beber a cachaça e que poderiam até encostar por ali naquela noite, mas só porque queria companhia mesmo. Amanhã é fora. Conversaram adoidados a madrugada toda enquanto duraram as cachaças. E foi quando o maluco foi mijar, um pouco depois da metade da segunda garrafa que o Filé soltou:

- Porra, se o Marival estivesse aqui ele ia querer pegar essas coisas pra ele, sabe qual é?

- Haha! É verdade – e os dois riram brevemente, depois silenciaram-se numa tentativa de alcançar o mútuo entendimento de que aquilo era cabível ou pura babaquice. Babaquice venceu.

Não falaram nada, já tinham se entendido. Beberam mais um pouco cada um para selar o entendimento e agradecer porque o Marival não estava lá.

- Porra, não posso ir dar uma mijada que já bebem a parada toda. Dá isso aqui – pegando a garrafa da mão deles na ingenuidade quase bonita e na paz dos vagabundos.

“Três garrafas, brother. A gente secou três garrafas em uma sexta! Você tem noção disso? Caralho.” Não adiantava. “Muito foda,

a gente tem que fazer novo. Cê vai me chamar, né?” Não adiantava nada, cada vez queria menos chamá-lo para outras vezes. “Qual era o nome daquilo, era rum, né? Haha, maluco, não lembro de nada direito daquela noite. Assim, eu lembro, mas acho que esqueci um monte de parada, haha”. Pior do que gente que se deslumbra porque acha que está fazendo coisas legais é gente que faz isso enquanto te atrapalha a trabalhar. Por mais mecânico e repetitivo que seja o trabalho, um pentelho no lugar errado sempre atrapalha. Ian levanta e vai para o banheiro. Molha as mãos, passa na nuca, respira fundo e senta-se em uma privada. “Um sujeito desses deveria ser internado. Passar uns quatro anos aprendendo a ser gente para depois ser testado, somente se fosse aprovado poderia ter contato com outras pessoas”, mas esse foi também o pensamento que teve semana passada sobre uma mulher na fila do mercado. E sobre um cara falando merda à toa para o garçom do bar. E sobre outras pessoas. “Boa, vou criar uma faculdade de ser gente”.

Entre outras ideias semelhantes, essa era a mais recorrente em um dia qualquer. Acordava com três despertadores, tomava um banho quase todo dia, comia alguma coisa em casa. Chegava atrasado no trabalho, ou uma boa meia hora antes, nunca no horário. Levava o trabalho com as coxas. Saía para almoçar, só comia, fumava um cigarro e voltava, geralmente bem antes do seu tempo disponível. Voltava para o trabalho para fazê-lo pela barriga. Não entenda-o mal, novamente, ele era um bom funcionário. Caso houvesse uma meta, não deixaria sem cumprir, mas todo o prazer que tinha em trabalhar era o de escapar da própria normalidade da sua consciência. E ele não se dava conta disso, na cabeça dele, achava o trabalho leve e relaxante. Principalmente quando não havia gente estúpida por perto. Voltava pra casa, num prédio que seria muito acima da sua condição financeira na Praia do Canto, não fosse fruto de herança. Por sorte, o prédio era simples e o valor do condomínio era relativamente baixo. Já pensou em tentar vender ou alugar o lugar para incrementar a renda, mas não vê para que precisaria de mais dinheiro. Deixaria essa carta na manga para usar depois, quando aparecesse alguma coisa em que gastar essa grana. Em casa, via televisão, ouvia suas músicas, comia, lia e esperava o dia acabar. Mas recentemente ele tem personagens para criar.

Outra noite, outro bar, mesma garota com o mesmo isqueiro. Acendeu outro cigarro. É lógico que não seria o mesmo. Tentou

sorrir para ver se ela se lembrava, se ela se lembrou ele não ficou sabendo. Sentou-se à mesa com o pessoal, planejavam uma pelada para o fim de semana. Cordiais e costumeiras piadas com o seu “não tomo cerveja”, “não, não dirijo” e “é, prefiro rum”. Planejavam, mas já não ouvia o que falavam, “qualquer coisa tá bom”, estava tentando prestar atenção na menina. Falava de literatura com paixão, sobre escrever o que precisava ser contado, escrever sobre o que não se tinha coragem de contar, escrever sujas palavras sobre o papel. Babaca como ele. Olhou rápido para a mesa dela, cervejas. Não, não tinha problema com pessoas que gostam de cerveja, mas esse era o momento para ela ter pedido uma cuba que fosse, e fazer-lhe óbvio que o sinal estava aberto para ele se aproximar. Esperou mais informações. O pessoal fez uma pergunta e ele não estava nem perto de prestar atenção, logo, acabou chamando atenção dos outros para a mesa em que focava.

Ninguém falou nada. Não diziam, mas sentiam-se levemente intimidados pelo jeito aéreo em que ele fica de vez em quando. Também ninguém lembra de tê-lo visto com nenhuma mulher e tampouco tinham coragem ou oportunidade para perguntar se ele era gay. Vai que começa a dar em cima da gente? Deus me livre. Não tinha sinal, mas decidiu sair no vermelho mesmo. Foi quando ela se levantou para ir ao banheiro, deu seu tempo e foi atrás. Não tinha que pensar em como seria essa abordagem. Puxaria papo sobre o isqueiro, mole. E foi o que fez. Ela estava parada antes da fila do banheiro. Ele fingiu o acaso e pediu fogo para ela. Fumaram juntos um cigarro e ela mesma começou a puxar assunto, bastante simpática. Não é muito disso, mas ela tem uma tatuagem linda no ombro, uma grande árvore com folhas cor-de-rosa, combinando até com o tom da sua pele. E disse-lhe que estava há muito tempo planejando uma, mas só não encontrava tempo.

- Isso é bobeira, vai. Tempo a gente inventa para essas coisas, ficar planejando nem dá em nada. Haha. O que quer fazer, já sabe? – não, não sabia, ou melhor, sabia. Não queria fazer tatuagem nenhuma, nada. Mas respondeu um sabiá.

Começou a explicar como os sabiás já há muito são pássaros urbanos, mas como isso não é natural e as coisas são empurradas contra a sociedade. Mesmo que quem force isso seja a própria sociedade, os valores estéticos castrantes e a falta de respeito pelo es-

paço ou mesmo pela propriedade alheia. Sem falar que são lindos, mas não cantam e como isso representa a dicotomia – é, dicotomia é uma palavra foda – da nossa própria natureza. Pensou nisso na hora, claro. E além da árvore, depois ele foi descobrir um dragão na bacia dela. O símbolo quasi-rei das tatuagens sem sentido. Ainda assim ela saiu por cima quando o corrigiu, dizendo que quem não canta é pardal. Ela gostava de ficar por cima sempre. Ele é preguiçoso cronicamente, mais por falta de estímulo do que qualquer outra coisa, então ela estar por cima sempre não representava nenhum incômodo, a não ser quando não estão numa metáfora manjada sobre sexo. Deixava, mesmo assim. Voltaram para a mesa e viraram as cadeiras, para conectarem melhor as mesas, para continuarem no ritual de cômico – desempenhado por ambos, o papo da tatuagem a interessou bastante para fazê-la ter vontade de conquistá-lo enfim – e para os risos aliviados de dúvida dos colegas. Também serviu para uma roda nova de apresentações das mesas, uma merda.

Foram uns bons quatro ou cinco meses com ela por cima, nem sabe. Sempre o corrigindo e ele nunca corrigia o comportamento irritante dela. Tinha preguiça de iniciar uma discussão, porque arcar com possíveis consequências negativas estava bem distante do quão boa era a bunda dela e aquele negócio que ela sabia fazer com a mão. No dia de hoje, ele já não lembra do nome dela, mas apenas de suas habilidades. Absolutamente respeitoso. Tá certo, o dia de hoje já passou mais de ano, quase mais meio desde o dia em que eles começaram a se ver. Na época, ele trabalhava no Banestes e tinha um apartamento mobiliado num bairro nobre da capital. Hoje ele está numa sala deste mesmo apartamento mobiliado, atrasado para o trabalho no Banestes. Atrasado desde ontem. Inclusive, atrasos de mais de dia foram o estopim para alguns finais da relação dos dois. Não, não deve ter completado um ano ainda. E é óbvio que ele não se esqueceu do nome dela. Ele ia tomar uma dose antes de encontrá-la na festa de uma amiga, mas, escrevendo, bebeu uma garrafa e meia em uma noite ou meia e só foi acordar para depois das oito da noite do dia em que a festa já era ontem. Tinha esquecido completamente. Juntada à passividade absurda e aos sempre adiados planos de fazer a tatuagem, não superaram com a comodidade do apartamento tão bem localizado e as coisas que conseguiam fazer juntos. A relação era vantajosa para os dois lados, na verdade. Ela esperou que ele fosse discutir mais ou que fosse procurá-la mais depois de algum tempo quando decidiu começar uma briga. Mas ele estava entretido escrevendo. E apesar de reconhecer

que era bom pra caralho escrever ao computador enquanto ela o chupava ou fazia aquele negócio com a mão, estava tranquilo escrevendo sem ela. Não estava escrevendo no computador.

Joílson não era um morador de rua digno, há quem diga. Nascido em Guarapari na segunda parte dos 80, de uma família que alcançou riqueza nos noventa, dizem que com jogo do bicho. Ele não era digno não porque decidiu ser morador de rua, mas porque carregava sempre o cartão de débito e a tranquilidade de voltar pra casa quando quisesse. Mais ou menos em 2004, morreu em Guarapari um mendigo conhecido até mais que localmente como Chico Tabaculê. Joílson viu carro de som passando na cidade e anunciando. Ouviu o pessoal comentando, depois, que o irmão dele aparecera no enterro. Não lembrava muito bem, porque era pequeno quando via o Chico berrando na rua ao provocarem. Quando via o Chico berrando na rua porque deram banho nele, conforme se seguia dizendo. No ato de sua morte, Joílson atravessava uma adolescência muito estendida e com muito dinheiro numa cidade que deixa de existir fora dos mineiros do verão. Era como ele via. A cidade era só dele. Mas ainda assim havia essa figura. Um puta de um mendigo que não faz nada, só é vagabundo e fica na rua gritando. Morreu estúpido e estupidamente e ainda assim a cidade toda fala dele.

Cozinhou por mais de ano o conceito e planejou tudo. Mais ou menos no final de 2005, Joílson veio para Vitória, adotando o nome de Chico. Não tomaria mais banho. Gritaria com as pessoas na rua. Faria seu estardalhaço até que fosse reconhecido. Queria virar lenda da capital, infinitamente mais importante do que a lenda da praia de Minas, mais interessante que a lenda do Baffus Bagarius ou que a banda de jazz que diziam que tocava andando pela cidade mas ninguém nunca viu. Passou num brechó em Muquiçaba, comprou as coisas com mais cara de mendigo e decidiu que seria essa sua profissão, já há muito cobrada pela mãe. Sua mãe lavava pra fora e dava para um malandro. Dia desses de fim de infância do Joílson, ele enricou do nada, toda a rua passou a saber que ele comia sua mãe e ele veio a saber o que significava comer alguém. Adora o cara. Tirou-o de um bairro pobre com nome de bairro de qualquer cidade e levou-os para morar no Centro. Casou-se logo com sua mãe e morreu na virada dos anos 2000, infartando achando que o mundo ia acabar. Joílson até já pensou se no céu ou no inferno para onde ele fora o mundo havia, de fato, terminado com

um meteoro ou o bug do milênio, o que quer que fosse aquilo. Só daqui mil anos para saber.

Como já se fosse óbvio, Joílson, ou Chico, não viveu até a virada do ano 2999 para ver se o mundo terminaria ou se sua consciência ou alma diria isso como conforto na eternidade ao lado do Senhor. Ele morreu antes de abril de 2011, enforcado com as mãos do Narrador, a primeira morte. Era pagão e não sabia. Rezou à toa a vida toda, por falta de batizado.

Passou quase cinco anos vivendo em Vitória com o cartão no bolso. Usou-o em Guarapari para comprar a passagem de ônibus e ter uns oitenta contos de capital inicial e nunca mais. O cartão foi cancelado dois meses depois, mas ninguém da família o avisou. Mentira, usou uma outra vez para comprar cachaça e comida, mas só mais essa. Bem, ele mesmo não chegou a dizer para sua família o que estava indo fazer exatamente, não poderia acusá-los de não terem tido consideração. Deixou um bilhete na cômoda do lado da janela dizendo que teria se matado, para não procurarem, mas para prestarem atenção nas histórias do Tabaculê. O bilhete voou e parou sob a cama. Foi visto somente uns dois meses depois que ele morreu, quando a mãe desistiu de procurar, sem saber que o filho estava morto mesmo. Ninguém falava sobre o Tabaculê mais. Em Vitória, não ficou conhecido. Alguém disse que Tabaculê significava o mesmo que fedentina, então esperou que o apelido viesse por causa da falta do banho. Sabia tanto o que significava que nunca chegou a dizer a palavra para ninguém, nem para o Chico original. Tinha medo de acharem que ele não sabia. Nunca soube que nunca souberam o que significava de verdade, podia até ser fedentina. Para ele era óbvio.

Seu encontro com o Narrador foi assustado e desastrado. Estava mijando no muro em uma rua pouco movimentada em Bairro República, do lado de um bar. Ele mijava no banheiro no momento e sairia de lá com cara de pouco amor pelo próximo. Saiu do bar e andava em direção a um ponto de ônibus quando passou pela rua. Chico balbuciou alguma coisa. Não gostava muito de beber, mas, depois da terceira semana, não conseguia mais dormir no chão frio da rua sem estar absolutamente alterado. Nunca usou quaisquer outras drogas. Ian continuou andando. Chico repetiu. Ian repetiu seu movimento. Chico começou a andar atrás dele, impaciente pela falta de atenção, nem reparou na expressão do homem. Homem, nada. Ian tem quase trinta, mas a cara é bem mais nova.

Chico berrou de novo e nada. Apertou o passo e, como Joílson impaciente, alcançou o rapaz com a mão e pôs-se reclamando com outro balbucio a falta de resposta. A reação foi a melhor possível.

Ian estava nesse bar em Bairro República tendo a primeira de três discussões substanciais com a garota com tatuagem de dragão. Ela reclamava por atenção, por presentes significativos, para que chamasse para beber com seus amigos, eles eram praticamente namorados. Não foi mencionado que ela não tem vinte anos ainda, ou acabou de fazer, apesar do rosto maduro e do corpo e performance bem desenvolvidos. Saiu puto do bar e foi para o ponto de ônibus. Escreveu já por tanto tempo, estava na hora de ver seus personagens. Viu essa rua com um homem mijando no muro. E foi andando em sua direção, sentindo a coragem aflorar. Brotava feito suor à noite, constante e constantemente evaporado por uma ou outra rajada de vento. Passou pelo homem, a coragem não veio e decidiu deixar assim. Mas o homem veio atrás dele. Disse alguma coisa que ele não entendeu e pensou em virar-se para ver o que era, mas achou melhor não. Continuou. Continuou. Continuou. Continuou também e então pôs a mão sobre seu ombro, fazendo menção de que se vire. No momento em que girou o torso é que toda a vontade veio. Girou o corpo e lançou-se bestialmente contra o pescoço do homem que fedia. Pressionava o máximo que lhe era possível, olhando para os lados de vez em quando, vigiando possíveis olhos. Nada. Eventualmente ouviu o som do osso do pescoço estalando, depois de quase dois minutos sem resposta verbal do homem. Apenas os braços abandonando. Joílson morreu sem nem dizer que se chamava Chico para o Narrador, não sei dizer se isso faz um personagem.

Agora tem um homem fedido nos pés e uma calma arrebatadora, cheia de adrenalina e pulos na respiração. Olhou de novo em volta e não viu ninguém, ótimo. Abaixou-se e conferiu o que o homem tinha. Umas moedas e uma nota de cinco. Sujeira guardada nos bolsos também. Um cartão de banco que ele deve ter roubado de um homem chamado Joílson. Uma nota de dez. Pegou tudo, não conseguiu nem deixar a sujeira. Esse vai ser o primeiro personagem. O Ladrão de Joílson. Está destinado a passar os seus dias tentando reconquistar a honra de ter mãos, manchada quando assaltou e possivelmente feriu o tal do Joílson, maldito. A ruela estava vazia, mas na rua do lado pôde localizar um daqueles cestos gradeados para deixar lixo. Levantaria o corpo e carregaria até o cesto, onde o colocaria ajoelhado, escorado no

lixo com as palmas das mãos para cima, recebendo todo o cheiro e o sumo do lixo e isso é muito arriscado de fazer agora. Deixou o corpo onde estava, porque era mais discreto, correu até o cesto e pegou apenas uma sacola. “Ele decidiu viver de lixo, eu decido que morrerá com o lixo.” Deitou-o de lado, as pernas esticadas. Colocou a sacola na sua frente e fê-lo abraçá-la quase carinhosamente. Foi embora. O morto não foi incomodado por três dias, nem pelos moradores das imediações. Os olhos dormiam. Quando começou a feder, um lixeiro foi se dar conta do ocorrido. Mas esse corpo nunca entrou nos registros da polícia.

Em Vitória as pessoas não ligam para alguém fazendo berros ecoarem nos prédios do centro. As pessoas não querem parar esses homens na rua para tentar descobrir se resiste lucidez debaixo das cracas. Faz falta não ter a possibilidade de ser alguém interessante. Rasga saber que ninguém vai se lembrar de você porque quer e, no caso do Joílson, por conta da opção que fez com o objetivo contrário. Agora terá o rancor e as mágoas na família confusa além da enorme frustração de existir em um plano invisível. Era como se fossem parte da paisagem. Por esses pensamentos e passagens que Chico sabia que não era feito para aquela vida. É muito difícil não existir. E por isso mesmo que algumas noites apertavam demais. Nessas noites sufocantes, chamava quem aparecesse para dividir de sua cachaça.

Arrumou um terreno abandonado, tinha comprado uns colchonetes usados e uns panos velhos por cinco contos de um noia. Decidiu que seria importante estabelecer o império para sua ascensão na baixa mitologia de Vitória. Tem que pensar em um nome para o seu esconderijo. Depois de três noites dormindo ali, ainda sem nome, chegou uma dessas noites em que seria foda passar. Comprou duas cachaças boas, nada de plástico e nem em garrafa de baré. Lembrou da cara desses dois caras que passavam a caminho da ponte e os convidou. Precisava da companhia e queria começar a mostrar que aquele era o seu território. Berrou seus grunhidos e Marco Antônio veio, trouxe o Filé, os três tomaram cachaça, ele desabafou um pouco, desatinou um pouco a sua carência, foi mijar e escapou de ser assassinado por dois mendigos para virar personagem de um psicopata amador apenas quatro noites depois. Chico não virou Tabaculé, era só Joílson mesmo.

Capítulo 6

Capítulo 6

A posição do corpo era o que contaria a sua história. Espalharia pela cidade toda. Ele seria o redentor de Vitória, trazendo para seus mais familiares habitantes a serenidade de morrer deitado na própria cama. Será o Narrador da cidade, o arauto da morte feliz, o caronte tropical, o vanguardista mensageiro da paz dos vagabundos!

No caminho de volta pra casa, parou numa papelaria e comprou um caderno escolar. Esse parágrafo acima continha parte do texto que abriu a primeira página. Tentando evitar o formato de diário, escreveu sobre O Ladrão de Joílson. Criou uma história para ele, longe de ser meramente coincidente com a real. Era melhor assim. Passou duas semanas pensando em como faria a sua mensagem estar escrita em Vitória. Já teve sua fase de fazer palavras cruzadas, já enjoou, também, do videogame que comprara no começo do ano. Era tudo inútil. Agora fazer isso já é outro caso. Isso terá um significado belo. Mas tem que conseguir conectar essa e as próximas mortes, como sílabas da sua história. Precisa de um mapa de Vitória. Foi na banca de jornal comprar.

Dava pra ter usado a internet, mas preferiu fazer no papel porque é mais gráfico. É mais visual. Mais cru.

Marcou mais ou menos onde matou o Ladrão com um ponto. Não faz ideia de como vai transformar aquilo em uma história. Depois de mais algumas horas tentando lembrar-se de palavras que pudesse ler no local, estava decidindo-se por usar o nome da rua. Mas ele não se lembrava do nome da rua, teria que passar lá de novo para conferir, não conseguiu assimilar pelo mapa. E se a rua tivesse um nome estúpido como o nome de algum presidente, comum no bairro, ia ser foda. Então deu-se conta de que o corpo do Ladrão podia parecer-se com a letra L com os braços juntos do corpo e as pernas esticadas. Pronto, é isso!

Leão, mesmo com tantas páginas pra dentro, ainda não tinha acumulado o ímpeto para procurar um curso de fotografia ou

o concurso da polícia. Sentia a vontade indo e voltando, a falta de nada melhor que o deixasse satisfeito. Está já no quarto mês de casado, não querendo admitir que a coisa esfriou – têm somente o sexo. Não vai se separar. Sua educação o preparou para aceitar o conforto morno da rotina como um de seus sonhos. Ele é feliz, só falta a cereja do bolo. A paixão estúpida por Lisbela também já estava quase morrendo sem ele saber. Vai acontecer no mês que vem com a primeira vez que ele vai se entediar enquanto estão fodendo e tentar esconder a flacidez matrimonial chegando no pau. Ela vai notar e vai notar que não precisam mais de tanto sexo, que já era hora de fazê-lo ser bom por ser raro. Exatamente o que ensinou a mãe. A vida será morna e cheia de águas calmas. Viverão pela pizza do sábado à noite, esperando os filhos chegarem. Terão seus pequenos projetos paralelos e podem até realizá-los com louvor. Verão receitas diferentes na Ana Maria e vão fazer para os amigos, de vez em quando. Reclamarão do preço das fraldas, da barriga de chopp, das estrias e o que a gravidez fez com o umbigo dela. Não vai ter amor pra sempre. Não vão ter energia para sair da relação. Não vão nem ter noção da falta de carinho. Ela vai morrer só uns quatro anos depois dele, com mais de setenta. Terão conhecido uma neta de um filho, o outro filho decidiu não procriar, uma decisão sensata a partir de 2032. Leão nunca vai fazer o curso de fotografia, desanimou de tentar a área depois de uma exposição do Sebastião Salgado, vai até perguntar sobre o cargo na polícia, mas vai ter preguiça. Acabarão saindo da vida assim como entraram nessa história.

Repetiu-se o motivo principal e alteraram-se os motivos paralelos para a segunda discussão com essa última namorada. Tentou ferozmente e conseguiu não conectar seus desentendimentos com suas mortes. Não era por isso e nem queria que fosse lembrado por ser o tipo de cara que briga com a namorada e então mata alguém na rua. Não que ela fosse mesmo sua namorada. “É verdade, nós somos namorados...” Foi uma das coisas que pensou enquanto segurava as pontas do cinto cruzado sobre a nuca do homem baixinho. Era o Filé. Ainda que não importante, foi o primeiro deslize do Narrador.

Naquela noite, saiu de casa para ver a garota. Ela trazia uma garrafa de um rum mais caro, difícil até de encontrar. A discussão foi depois de metade, mas não fez diferença, porque saiu da casa dela levando a garrafa. Planejava passar a noite, não foi o caso. Estava então na reta do aeroporto, pescoço da garrafa de Negrita

entre o polegar, o indicador e a palma da mão, tampa na outra, tampa na garrafa, tampa na mão. Entre um gole e dez passos, fechava a garrafa e olhava em volta. Não queria chamar atenção, mas bebendo na rua de madrugada é complicado. Gostou do presente, via a garrafa de vez em quando, mas nunca teve o ímpeto de desembolsar aquele dinheiro para beber. Gostou do rum, mas não viu grande diferença. Para Filé não havia diferença. Se qualquer coisa, deveria ser uma garrafa barata, por causa do rótulo simples. Estava sozinho bebendo andando com um amargor e uma ansiedade raros de ser ver em quem não morasse na rua. Decidiu chegar perto pela bebida e pela ponta de interesse na figura completamente vulnerável e agressiva ao mesmo tempo.

- Amigo, arruma um gole desses aí pra nós – e mesmo sem olhar, o Narrador sabia que era apenas uma pessoa, mas não deixava de ser precisa a pergunta, beberia por mais de um. Já estava flexionando os músculos para passar-lhe a garrafa quase involuntariamente. A voz pareceu solícita e natural. Mas na metade desse caminho curto, lembrou-se do preço e puxou de novo.

- Ah, amigo, eu tenho um copo, ó, coloca aqui pra mim, vai, tá foda essa noite. Isso é cachaça, né? – respondeu que era rum e a garrafa estava em um nível muito alto para ser mesquinho a respeito, mas ao invés de servir, perguntou seu nome e o convidou para beberem juntos. Só teria que ser em uma rua mais vazia, porque não queria dividir com mais gente – sem problema, amigo, vamo' entrar nessa rua aqui. A gente senta.

Sentaram e dividiram aquele frio curto com umas três doses para cada lado, praticamente competindo. No momento em que Filé articulou sua segunda frase, clamando por uma amizade normativa de qualquer um sozinho sob aquela noite – ou qualquer outra – o Narrador já sabia que seria aquela a segunda pessoa da sua mensagem. E agora ele já tem uma mensagem a ser escrita. A conversa foi feliz para ele. Ele pôde sentir que o que estava fazendo valia a pena. Ele estava certo. Parece crueldade, mas não lhe interessa se havia algum objetivo ainda não alcançado para quem estivesse na situação daquelas pessoas. Para ele, era o fim de todas as obrigações sociais, ninguém espera nada deles e quando de fato mencionou isso para Filé, recebeu a resposta contundente:

- Não sei. As pessoas esperam que você seja bêbado, fedido e debochado. Se não for assim, você não consegue dinheiro.

Ele não conseguiu construir muito bem o pensamento, mas o Narrador entendeu o que queria dizer. Não há validação para um mendigo se ele não for gastar tudo em bebida e drogas, gastar tudo em um jeito de escapar da realidade da rua por aquela noite, porque não se tem como escapar daquela vida. Com algum tipo de empatia desvairada, as pessoas trazem isso para si. A esmola se torna a fonte dos desejos do ceticismo urbano. Dão dinheiro desejando que consigam escapar da frieza coordenada de uma rotina de merda. Aos poucos os primeiros deixam de saber quem é o sujeito da segunda oração. Por outro lado, um pedinte de cara limpa e com qualquer traço de integridade ética – que não tem nada a ver com dignidade, mas vale notar que dignidade também não pode haver – perde a credibilidade para aqueles trocados e em troca recebem os pensamentos sujos de “vai arrumar um emprego, vagabundo” e as respostas cordiais e assustadas de “não tenho nada não, amigão, fica pra uma próxima”. Nesse caso, a caridade é atropelada pela simpatia. É por conta de uma simpatia burra que os pensamentos saem sujos, se não há a miséria estampada e a total falta de esperança na cara do pedinte, ele não é mendigo. E é no identificar dessa esperança que a pompa das moedas tilintam na ideia de que “é melhor não dar dinheiro para não se acostumarem e irem arrumar suas vidas – ah! que ótima pessoa sou eu”.

- Ou então cês dão dinheiro quando acham que a gente vai assaltar – disse um provocador Filé depois de que algum comentário descarrilhou dessa linha de raciocínio. Provavelmente foi uma parte que não deveria fazer sentido sozinha, mas a bandeja da Negrita já está jogada do lado dela mesma, sentada esperando o horário de dormir, não faria diferença.

Com uma bufada gloriosa do bem geral que exerceria, desonerando aquele homem do resto de suas obrigações e apenas resquícios de pena de uma fornada anterior, convidou-o a se levantar porque a hora já ia comprida e a patroa esperava em casa. Sentiu-se meio mal em inventar uma desculpa, mas já era uma boa alma em terem dividido tanto tempo, bebida e papo. Genuinamente sabia estar fazendo algo bom para a carreira do Filé, de toda

forma. De pé. Perguntou para onde iria enquanto aliviava o cinto. Ele respondeu que iria até a Lama pra beber mais um pouco. Junto com um comentário sobre a barriga, soltou o cinto da calça e o segurava na mesma mão do pescoço da Negrita. Estendeu a outra para um aperto sincero e despedidas. Deixou que andasse primeiro e virou-se na outra direção. Olhou em volta. Ninguém olhava. O mais discreto que pôde, deixou a garrafa no chão e aproximou-se do homem baixinho andando. Com vigor mais do que força passou o couro pelo pescoço, torceu uma vez e puxou. O susto paralisou Filé por um momento e então só existia aquele incômodo absurdo, o desespero de uma queda abissal. Sufôco. Abastado, profundo, abrupto e constante. Do tipo de palavra que perde o sentido visual se escrita “sufoco”. As aspas até podem causar certa claustrofobia, mas nada que se compare ao circunflexo perene e absolutamente objetivo. Forte. Dando o solavanco do ato em si para a palavra. O circunflexo cria um tom ativo para a situação inocente. Coloca letal no desconforto. O tempo todo foi ficando, e foi ficando meio lento. Como se mais de meia hora tivesse se passado na cabeça do Filé. Para um breve lampejo de lucidez para entender a tosse prescrevendo a cova. E então morreu. Ainda segurou com força o cinto por outros dois minutos depois que pareceu ter perdido a consciência. Não gostaria de quaisquer surpresas nesse departamento. Uma rai-va começou a tê-lo por dentro. Deu uns três ou quatro socos na cara do Filé. Só conseguirá entender o motivo na quinta ou sexta vez que matar alguém.

Do tempo que levou planejando, tinha mais ou menos o mapa da cidade na cabeça. Mas não seria tão necessário. Tinha que ser Goiabeiras ou mais pra Serra em algum momento. Dessa vez era possível deixá-lo perto de uma lixeira grande de plástico. Porque gostou tanto daquele personagem, decidiu que Filé deveria ter um nome escroto e que decidiu virar hippie porque iria tentar destruir o sistema, sei lá, Geraldo é um nome bem escroto para se opor a Filé; colocou-o com uma sacola de lixo, fedida e úmida apoiada no peito, perto do coração. O corpo ficou deitado de bruços, os braços para dentro e as pernas afastadas. Lia-se um A, para quem fosse querer ler uma letra, não estava tão óbvio. E só então começou a pensar em como escreveria um E ou um N. Talvez até colaborasse para a legitimidade de sua mensagem se ele usasse sacolas como partes das letras. De todo modo, seria o jeito. Afinal de contas, não adianta de absolutamente nada mandar uma mensagem se ninguém vai ler.

Foi nesse momento que bateu. Brindava com um beijo comprimido na Negrita, já acenando para um táxi para voltar pra casa. Como ele poderia conectar as duas mortes e as seguintes? Isso pareceria absurdo e sem conexão para alguém que tem uma pilha de casos de assaltinhos e de pivetes vendendo maconha em festas universitárias. Era mais importante passar a mensagem. Só fazia sentido matar aquelas pessoas se fosse para lerem a sua mensagem. Soltou uma risada ou um sorriso por ter se identificado na mesma ironia que ofendia agora há pouco sobre fazer o bem para as pessoas somente para se sentir bem por estar fazendo. Mesmo no carro, tomou mais um gole para brindar à hipocrisia, que os salvaria mais outras vezes. Ofereceu um gole ao taxista, quando parou em um sinal vermelho às três e pouco da manhã.

Chegou em casa, comeu alguma coisa da geladeira, pegou o mapa, mas estava com muito sono já. Foi dormir.

Na manhã seguinte, ressaca do caralho. Já previa que haveria outra briga com a namorada por causa do tanto que bebeu do rum caro sem ela, mas não tem problema, fácil de contornar. Não tinha trabalho, no dia. Ou melhor, pegou o telefone e ia ligar pra ela, terminar logo as coisas. Melhor não. Melhor é deixar isso quieto por agora. Colocou água para esquentar e fazer café. Deu uma olhada no mapa sobre a mesa. Novamente não se lembrava do nome da rua em que estava, só desenhou o A sobre qualquer rua. No caderno, escreveu em letras bonitas no topo de uma página: Filé. Passou um tempo pensando em como começaria a história desse. Levantou-se e foi ver a água do café. Abriu a dispensa e não tinha pó. Merda. Desceu e foi tomar café da manhã na padaria, daria mais tempo pra pensar na história, também. Catou carteira, carteira de cigarros e óculos escuros. Andou devagar até a padaria, pediu uma coxinha e uma coca em lata sentado no balcão. Comeu. Outra coxinha para terminar a lata. Um cliente com cara de pai de família puxou assunto sobre política ou futebol, não prestou atenção. Respondeu qualquer coisa e ficou ouvindo o cara falar, aceitando afirmativamente nos momentos certos. Pagou, saiu e fumou um cigarro na porta, olhando os carros parados. Voltou e comprou pó, pão e presunto.

Chegou em casa com uma história começando a brotar na cabeça e o cu brotando na expressão facial. A porra do celular estava berrando, tinha que ser ela. Parou antes de conseguir atender, havia umas quatro ligações perdidas e umas duas mensagens. Era

ela. Pedia desculpas pela discussão de ontem – ele não lembrava mais qual tinha sido. Pedia que passasse na casa dela para o almoço – já eram umas duas da tarde. Respondeu a mensagem dizendo que ligaria mais tarde, estava ocupado no momento. Mas é claro que ela ligou assim que recebeu para saber como estava, dar bom dia, incrementar a dor de cabeça, essas coisas. Respondeu absolutamente com o mesmo teor, num tom mais carinhoso do que ela deve ter lido. “Me liga mais tarde então, vamos fazer alguma coisa essa noite, tá?” Tá. E voltou a deitar-se no mapa e no caderno.

A história do Filé que entrou com ele pela porta saiu pela janela. Mas quando sentou-se diante do papel uma outra apareceu. Filé era um marginal gente boa. Fugiu de Curitiba depois de ter colocado fogo em um ônibus com motorista dentro, fez questão de tirar todas as outras pessoas e deixar só o motorista. Acabou chegando em Vitória depois de uma viagem de quatro ou cinco dias de cogumelo. Num lance quântico de que é possível porque aconteceu, mesmo que ninguém tenha visto acontecendo. Largou os cogumelos quando chegou na ilha, mais porque parou de encontrá-los do que porque queria parar de encontrar. Nesse ponto, sua cabeça já estava aberta e ele entendia tudo que tinha para entender sobre a vida das pessoas, sem entender bulhufas... patavinas? Porra nenhuma da própria situação, de si só sabia dizer sobre a existência, constante e indiferente. Filé era o último mártir vegetariano da liberdade.

Como a história do Ladrão, essa teve em torno de cinco páginas e foi acabar na hora em que ele estava com fome novamente, já escurecendo a janela, Filé morto no lixo do papel, morto e ainda no lixo em Goiabeiras também. Era hora de ligar para ela. Enquanto o telefone dava o tom da chamada ele se lembrou que ainda precisava arrumar um jeito de se fazer identificar. Antes de conseguir cancelar a ligação ouviu o telefone dizer alô. Conversou com o aparelho um pouco. Estava mais interessado em seguir com o que estava fazendo, mas a voz dela e o que ela dizia o animaram para saírem mesmo. Não sabia o que tinha nela, mas começou a irritá-lo sobremaneira, ainda assim não quer estar tão longe dela. Mentira, sabia, sim, era o sexo. Riu na frente do espelho enquanto escovava os dentes para sair. Tomou um banho comprido. Parou de rir assombreado quando alcançou a pergunta que hora ou outra deveria se fazer: vou contar para ela? Iria encontrá-la em sua casa, tinha exatamente essa distância de tempo para decidir – de alguma

forma colocou para si que tinha que decidir isso naquela mesma noite, sem mas. Saiu do ônibus uns dois pontos antes, pra ver se lembrava em qual rua deixou Filé. Decidiu que se o corpo estivesse lá, intocado e fedido, contaria pra ela.

Dois pontos antes. Saiu do ônibus e andou devagar até a rua dela, sem conseguir achar a rua do Filé. Não estava de fato preparado para essa resposta “do universo”. Pensou um tanto até chegar no portão do prédio dela e decidiu que isso significava que não deveria decidir isso agora. Isso está muito confuso. Achou melhor deixar pra lá. Ela desceu linda e cheirosa, com um sorrisinho não-usual no rosto. Beijou-o com carinho também raro e abraçou de um jeito mais forte que o normal. Mas ele não reparou que as coisas estavam diferentes. Estava no seu pequeno êxtase soberbo. Também não notou que começou a tratá-la como tratava o trabalho; cumpria horário, não fazia um serviço ruim, mas não tinha motivação maior que a inércia. Claro, sentia um misto de tesão e muito apreço por ela, mas não era um sentimento completo como parece ser. Se fosse, talvez dissesse que acha a tatuagem de dragão besta, mas diz que é bonita mesmo assim porque o desenho é bacana, ou que os ossos da bacia dela o machucam quando ela fica por cima, mas que não se incomoda porque o movimento dos peitos bonitos dela compensa. Não é desonesto, mas não é sincero com ela. Gosta dela, mas não está mais interessado. De toda forma, ele ainda não consegue racionalizar isso tudo dessa forma, muito menos com tanta satisfação pessoal que está correndo na sua cabeça. Foram comer um sanduíche em Jardim da Penha, no carro dela. Voltaram para a casa dele e foderam até dormir. Ela não achou o caderno nem o mapa. Tomaram café da manhã juntos na cama, sem roupa mesmo. Ele que levantou e preparou enquanto ela dormia. Parece atencioso – e era – mas também gostaria de estar acordado logo para pensar no que faria para tomar responsabilidade pelas mortes. Não dava pra pensar com ela por perto, entretanto. Não a expulsaria, tampouco.

Mas ela só foi embora na manhã seguinte, antes de ir para a aula, deixou-o no trabalho. E ele trabalhava a nem cinco quadras de casa.

Esse é um ponto importante da história. Algumas semanas se passaram. Quintela teve reprimendas quando a produtividade caiu no trabalho, que serviram para alertá-lo do quão focado em sua empreitada ele estava. Não fez com que perdesse interesse, de forma alguma, apenas ajudou a colocar em termos práticos quanto aquilo

o deixava feliz ou dava sentido para a crise dos trinta que estava virando a esquina já. Decidiu, contudo, parar de levar o caderno para o banco, perigava até alguém descobrir. Passou pela cabeça também deixar que vissem seu caderno, como forma de fazer-se evidente. Esse foi seu plano B, na verdade. Fazer o serviço todo, quando estivesse tudo pronto, entregar o caderno em algum lugar para que seguissem os traços, descobrissem suas pistas e honrassem todo o esforço e planejamento. Faria isso caso o plano A não desse certo. Esse plano se tratava de uma mensagem, numa folha do próprio caderno, que seria a sua apresentação ao público. Entretanto, o discurso inicial do caderno não era bom o suficiente, tinha que ser algo mais sucinto, mais impactante ou então só pareceria alguém com muito tempo nas mãos. Ele tinha muito tempo, mas também uma causa, que não se confunda. No dia em que foi advertido no trabalho, estava escrevendo e reescrevendo rascunhos da mensagem até chegar na que seria definitiva. Transcreveu a mensagem definitiva para uma página limpa e arrancou a folha que usou de rascunho. Amassou-a numa bolinha e ia jogar no lixo. Mudou de ideia. Desamassou o máximo que pôde e olhou fundo para ela. Pensou: dane-se, ninguém vai olhar no lixo da agência. Dobrou-a com respeito e colocou no lixo mesmo assim, uns copos plásticos por cima.

Era Agosto. No mapa, em casa, já tinha escolhido em quais bairros deveria matar gente. Quase coincidentemente, seu relacionamento teve fim na semana anterior. Como disse, não fazia aquilo porque brigava com a mulher com tatuagem de dragão, mas calhava da energia necessária vir mais ou menos na mesma época em que o saco de um dos dois estourasse. Vai ver tinha sim conexão. Essa semana, decidiu ir para Maruípe. Depois do trabalho, sentiu até um pouco de falta de ir vê-la, mas era melhor não ligar. Talvez ligasse na semana seguinte. Carregava o cinto na calça e a folha já destacada do caderno no bolso. Carregava a mensagem a limpo na folha e um pouco de ansiedade em volta do pescoço. Saiu do ônibus na avenida. Parou em um boteco bem fodido do lado do ponto, porque tinha acabado de se tocar de que havia a porra de um quartel ali do lado, mas o mapa já estava pronto, não queria ter que mudar. O boteco não tinha rum. Era como se as coisas decidissem sozinhas a dar errado. Comprou um cigarro a varejo, ruim pra caralho, mas só para não perder a viagem. Colocou-o atrás da orelha e voltou para a rua para pensar no que fazer. Andou um pouco pela avenida e uma brisa levíssima de calma entrou pela pela. Havia um supermercado ali do lado.

Não se incomodou em pagar quase 30% a mais na garrafa de rum, aproveitou e pegou uns amendoins também. Finalmente encontrava de novo alguma coisa com que lhe desse satisfação gastar dinheiro. Saindo do mercado, viu um homem em roupas simples subindo um morro perto do boteco de antes. Não conseguiu identificar como mendigo, mas decidiu ir atrás mesmo assim. Era Zé Beto, subindo seu morrinho para Santa Marta.

A subida era íngreme e meio comprida, lá de cima, Zé Beto viu esse tipo diferente subindo com alguma dificuldade, uma bolsa preta a tiracolo e uma sacola de mercado na mão. Não enxergava mais muito bem, mas identificava uma garrafa de bebida dentro de uma sacola a qualquer distância. Sentou ali do lado do poste pra descansar um pouco. Bateu uma vontade bem grande de beber o que estava naquela garrafa, pelo menos descobrir o que era. Eram essas pequenas frustrações automáticas as coisas que mais doíam em Zé Beto. Sabia que o cara não passaria do lado dele e ofereceria um gole de boa vontade. Se acabou de comprar, nem se pedisse o cara ofereceria, ninguém abre uma garrafa só porque se pede. Por outro lado, também acreditava que não machucaria pedir. Uns três minutos se passaram nesse raciocínio, colocou a cabeça na esquina pra tentar ver a que altura estava o homem. Estava sentado no meio fio, no meio da subida. Bebendo de gole na garrafa em frente a uma casa qualquer por onde saía uma garota que ele também não conhecia. Não fosse tão familiarizado com os paralelepípedos sob a própria bunda, perguntar-se-ia se não estava no morrinho errado. Levantou e foi descendo em direção ao homem, que logo tornou o olhar para ele, sem mudar a expressão, talvez sem nem tê-lo visto. Continuou. Atravessou a rua, sentindo uma timidez incongruente. Olhava aéreo para os postes que já conhecia de cor. O desenho de uma coroa verde pichada na parede. Um estêncil com o símbolo do Batman em outra. As mãos espalmadas e a espiral eram novas, mas não o surpreendeu. Começou a pensar no quanto gostava de ver os meninos que faziam os desenhos, mesmo os mais feios, mas já estava bem perto do cara no meio de um punhado de amendoim. Os dois se olhavam. Olhou para os dois lados da rua e aproximou-se humildemente.

- Boa noite – e fez uma mesura sem jeito seguida do gesto universal de “me dá um gole de rum porque a noite está foda”. Aquiescido com um sorriso meio amarelo, o braço esticado oferecendo mais do que uma garrafa praticamente inteira, oferecendo

o bico de onde ele acabava de tocar a boca. Não falou nenhuma palavra, acenou com a cabeça, sorriu amarelo e estendeu o rumo tão intimamente que emocionou Zé Beto. Pegou a garrafa e serviu a boca com uma boa quantidade da bebida sem tocar os lábios no bocal. Ouviu um absurdo “senta aí, vamos conversar?” vindo numa voz que acabou de mastigar amendoins. Sentou-se e ficou sem jeito de conversar com o rapaz.

- Eu sou Zé Beto, qual é o seu nome? – olha só! Não tinha pensado se iria adotar um pseudônimo para essas ocasiões. Não esperava que alguma de suas vítimas fosse escapar e denunciá-lo ou nem mesmo que suas possíveis denúncias pudessem ter valor na polícia. Respondeu lan mesmo. Apertaram as mãos e em pouco tempo Zé seguiu o raciocínio que começou sozinho acerca de pichações. Compartilhado e apreciado pelo novo amigo. Novo amigo. O novo amigo do lan era um homem gentil e parecia frágil na cabeça. Antes do terceiro gole, as coisas passaram a dar certo, e foram subir mais, para um lugar um pouco menos movimentado, pediu, para não ter que dividir a garrafa com muito mais gente. Ele o levou pelas ruelas até um beco mais reservado. Ainda assim estavam bastante expostos e ainda não eram nem dez da noite.

- Aqui está bom, né? Me fala sobre você, de onde você veio, essas coisas – respondeu honestamente, contou como o pai morreu há uns três anos e deixou o apartamento pra ele, contou que trabalha no banco mas acha todo mundo escroto e babaca. Não, não todo mundo, mas também não conseguia achar ninguém que não fosse mesquinho. Disse que começou a conversar bastante com moradores de rua, mas que não tinha coragem de largar tudo e virar um.

- É foda fazer isso. Ainda mais na sua idade, menino – enquanto pegava a garrafa da sua mão para beber – eu moro aqui nesse bairro. Não sinto falta de nada, mas é porque estou sempre em casa. As pessoas aqui me conhecem e gostam de mim. Única família que eu tenho ainda – e embargou a voz dizendo isso e embargou mais um pouco ouvindo seu interlocutor dizer que não tinha mais nenhuma família, pais e avós já morreram, não sabe de tios ou primos. E brotou um silêncio forte entre os dois quando disse que só sentiu falta nas primeiras duas semanas assim que ficou sozinho, mas já era homem formado, já se virava sozinho e até trabalhava. Silêncio. Para quebrar o gelo, depois do gole, disse que adivinharia qual era a profissão do Zé Beto só de olhar suas mãos.

Olhou um pouco, tocou um pouco, virou pra cá, pra lá, disse que devia ter sido pedreiro. Disse pedreiro porque é a profissão a que associava pobreza mais fortemente, não fez diferença alguma ter olhado as mãos.

- Já fui pedreiro, sim, mas meu último serviço foi de garçom. Ih! Mas já tem tempo demais isso – disse e riu recordando algo bom. Novamente, sua vítima começara a crescer em respeito dentro do Narrador e isso só fazia saber que tinha razão no que estava fazendo. Livrará todas as pessoas boas da miséria da vida. Não é da falta de dinheiro que estava falando. Tinha que ser agora. Levantou anunciando que iria mijar. Zé apontou um lugar próximo onde seria melhor, porque não incomodaria ninguém e era reservado. Voltou com o cinto na mão e causou o sufôco exatamente como da outra vez.

Dessa vez, porém, levou um pouco mais de tempo e deu um pouco mais de trabalho, porque Zé Beto estava sentado e ele estava de pé. Suspendeu com incrível facilidade o corpo do homem pendurado no cinto pelo pescoço fino. Tentou gritar e conseguiu se sair melhor do que o último, mas não foi barulho que parecesse ter chamado atenção de ninguém que morasse perto. As luzes da casa mais próxima já estavam apagadas por trás do muro. Havia lixo perto do portão ali do lado. Novamente sentiu uma raiva descabida e soltou uns três ou quatro socos fortes no rosto já carinhoso do Zé. Esticou o corpo todo dele ali, braços colados, pernas juntas e apoiou a cabeça dele num traveseiro de 100l, preto e mais resistente que aquele azul. Tomou mais um gole do pirata e deixou as quatro doses finais na garrafa do lado dele. Tirou o papel do bolso e colocou embaixo do corpo. Bateu as mãos para tirar a poeira e o pó de concreto da calçada. Acabou fazendo mais barulho do que gostaria. Saiu depressa de lá, sem esquecer a bolsa e nem os amendoins.

No ônibus que o levava de volta, algumas pessoas olhava para ele como se vissem o cheiro de álcool em volta. Pegou o celular e viu o número dela. Olhou umas fotos que tinha dela no aparelho. Estava em êxtase, alegre de álcool e levemente excitado, pensou em ligar e tentar acertar as coisas, mas em uma das fotos viu o dragão-rei. Voltou à sua razão e guardou o telefone. Escreveu atropelado, ainda no ônibus, “O Pedreiro Zé Beto” na próxima página do caderno e guardou-o novamente. Em casa, marcou a letra de Maruípe no mapa. Abriu algumas fotos dela no computador, comeu alguma coisa e dormiu com birra, porra e saudades.

Uma Dona Maria qualquer que trabalhava de servente na mesma agência que o Narrador teve uma pequena, inocente, mas interessante participação nesse caso todo. Sexta feira não era dia de recolher lixo de escritório, mas ficou doente na quinta e ninguém mais faria a sua função de Dona Maria. Inclusive a chamavam por esse nome, apesar de se chamar Zélia. Nem Maria Zélia e nem Zélia Maria. Não se incomodava com o apelido porque conseguiu o serviço por causa de favor, era muito agradecida de ter aquilo pra ajudar em casa, poderiam chamar de qualquer coisa. Então, naquela sexta feira, levou o lixo embora quando a agência fechou para o público. Mas faltou uma lixeira, perto do banheiro. Notou só quando saía. Não era costumeiro, mas achou melhor levar na mão aquela última sacola, era só lixo seco mesmo. Saiu da agência, despediu-se de quem fosse para se despedir, ainda restando uma vergonha por não ter ido trabalhar um dia daquela semana. Levar aquela sacola na mão mostraria expediente de alguma forma. Anunciou que era lixo junto com seu “bom fim de semana, meu filho” para o vigilante que ainda ficaria mais umas horas. De fato era tão pouco incômodo levar aquela última sacola que passou uma quadra inteira e se esqueceu de que ainda a carregava. Mais próximo da próxima esquina havia um poste com bastante lixo, levou até lá e arremessou de uns seis ou oito passos de distância, porque fedia. O caminhão deveria passar mais tarde, pensou. Mas, na verdade, o caminhão não passou naquele dia, nem naquele fim de semana. Zé Roberto já estava lá e ela não viu por causa da iluminação fraca e amarela e sua falta de atenção para corpos no meio do lixo, natural de quase qualquer cidadão de Vitória.

O “quase” da frase anterior parece arbitrário, mas não é. Em alguns meses desse momento, Leão passará a prestar muita atenção em muitas pilhas de lixo procurando sem encontrar corpos. Algumas outras pessoas também já tiveram motivos para fazer isso. O Narrador usava as sacolas de lixo como liga para a sua mensagem. Se estava escrevendo letras e queria formar uma palavra, as sacolas eram praticamente serifas, estrategicamente posicionadas para a estética funcionar. Mas a quantidade de lixo que havia sobre o corpo de Zé Roberto, próximo à oficina do Olegário, não servia a um padrão estético, mas de camuflagem.

Nas semanas que seguiram o encontro amigável dos dois Zés no pé do morro onde Beto foi imortalizado, Roberto começou a beber ferozmente e a fumar qualquer coisa que aparecesse. Sofria

de depressão, o que não era novidade. Mas passava por um estágio confuso porque tinha encontrado, no meio dos protestos que cruzara, uma energia nova e absurda para ter de novo gosto de vida. Se viu andando no meio de quatro mil pessoas que berravam e sorriam enfurecidas por uma causa infeliz que ele não entendia muito bem. Sabia que de alguma forma, aquela movimentação toda morreria em breve e não alcançaria seu objetivo e estava certo. Não se fez nada parecido. Ele agora sentia somente em si o peso de um país inteiro junto com aquelas pessoas todas caminhando para cima e para baixo, esperando mudá-lo com sorrisos e berros. Não o entendam mal, não desacreditava do movimento ou dos sorrisos ou dos berros, mas tinha mais conhecimento da miséria da vida do que aquelas pessoas todas. Sabia que se frustrariam e tomou todas as doses que pôde da realidade deles. Agarrou o sofrimento deles para si, porque era mesmo um ímã de tristezas.

Em pouco tempo já estava bebendo fiado e destruindo a confiança pequena que construiu com alguns botequeiros. Assaltou algumas pessoas, alguns bares, algumas coisas. Fumou toda maconha que conseguiu, conseguiu cocaína e crack também. Em algum momento, um mês pra dentro, sentiu-se como se estivesse perdendo tudo que tinha e ele já era morador de rua. Estava numa reta íngreme pra baixo, não via qualquer outra possibilidade de virar-se para outra direção, então só restava seguir. Decidiu seguir correndo. O mais rápido. Que desse. Mais rápido até que a frase.

Ali em Jucutuquara, por acaso, encontrou esses moleques verdes que estavam entrando no tráfico. Foi o ponto final da sua viagem. Decidiu ajudar os moleques, não deviam ter nem pelo no saco. Ele se aproximou e perguntou se eles tinham pedra. Tinham. Perguntou se já tinham fumado. Tinham. Perguntou, sinceramente, se tinham matado alguém já. Disseram que mais de cinco.

- Não mente pra mim, moleque.

- Ou! Tô mentindo não, tio. Se liga se não leva tiro.

- Fica quieto, moleque. Presta atenção. Eu não tenho dinheiro, mas quero uma, só uma pedra. Vocês não mataram ninguém e se querem fazer essa porra direito têm que aprender – eles ficaram calados – quantos anos vocês têm?

- Dezesseis.

- Quatorze.

- *Putá merda, isso é muito novo. Cês tem arma aí?*

- *Temo sim, ô tiozinho, tá pensando o quê – não, eles não tinham, mas balançavam o dedo por baixo da camisa.*

- *Cês vão me dar uma pedra. Eu vou fumar. Cês fumam comigo se quiserem. Depois cês me matam – olhou em volta, nenhum paralelepípedo solto, tirou o cinto e entregou – com isso aqui. Eu vô tá louco, não vou ter como revidar. Pode deixar o corpo em qualquer lugar. Depois cês mostram pros chefes o que fizeram, cês vai até ganhar ponto com isso e só custa uma pedra, tá o quê, cinco conto? – olhou para os meninos, sabendo que fariam. Pensou em pedir que avisasse a alguém que ele morreu, mas seria coisa demais para eles.*

- *Nós faz até três por dez.*

Começo de outubro daquele ano. O mapa tinha já um U em Fradinhos, onde tudo correu tranquilamente, e o plano acabava de sofrer a primeira alteração para fazer o N, por força das circunstâncias. Agora também já tinha decidido quem seria dessa vez e já até o encontrara uma vez, mas escapou, era Marco Antônio e será a morte mais complicada. A raiva que sentirá por ele é até simples e muito bem justificada. Ainda não sabe disso. Está sentado em casa, olhando para a gaita metálica, escrevendo a pequena fábula do “Gaúcho Amadeu” e bebendo rum com gelo como se fosse uísque. Rindo, enquanto terminava, porque foi exatamente o que aconteceu. Já ria agora, depois de ter praguejado, na época, a alteração que teve que fazer. Foi a uma peça no Carlos Gomes, para se distrair e depois ficou perambulando um pouco pelo Centro, ciente de que não precisava ter medo algo, porque o perigo era ele; babaca. Quando ouviu uma gaita tocar ali perto da Fames. Primeiro achou que viesse de lá, mas já era muito tarde para ter alguém, então viu esse senhor sujo e simpático, completamente rápido de pensamento e lento de enunciação, sentado no chão praticando, não pôde resistir. Abusou da sua sorte e do seu jeitinho brasileiro para encaixar a localização sem criar grande problema, apenas um leve atrito. O corpo no chão, de lado como se dormisse numa diagonal bonita com o topo da cabeça tocando a parede, pedaços de papelão fazendo os ângulos discretos da sua caligrafia. Uma sacola de lixo de travesseiro. Tomou um outro gole e o gelo já ia no final, bem como a fábula terminava sem moral.

“Gaúcho Amadeu”

“Vindo das grandes pampas verdes, o gaúcho chamava-se Amadeu e não tinha boca, mas falava telepaticamente e ainda assim embolado do mesmo jeito. Era um homem de quase três metros, absurdos largos ombros e uma enorme barriga redonda. O bafo saía dos poros do rosto ou do nariz e podia colocar um motor de combustão interna em funcionamento. Tão espesso que quase deixava de ser gasoso e claramente podia ser visto em contraste com a barba amarelada ou com o vermelho do sol no rosto. As mãos eram enormes e os dedos eram pequenos salsichões. Ao contrário do que poderia ser esperado, nessa fábula não há construções morais e nem edificantes competições entre animais. O gaúcho passava os dias caçando pequenos pássaros e outros animais para comer, além de colher garrafas de cachaça do canavial ao lado de sua casa de gigante.

“Vivia sozinho num mundo extremamente pequeno. Apenas uma ilha conectada a um pequeno continente colorido de onde vêm os animais que o alimentam. Quando os dias são muito quentes, ele sai para nadar de roupa, criando enormes ondas que batiam fortes na única praia que existia, de onde acabara de sair. Nos dias frios, usava as enormes mãos para cavar fundo na areia e enterrar todo o corpo, ficando com a cabeça para fora para respirar. Caçava extremamente mal, contradizendo a antiquíssima idade marcada na barba que insistia em não raspar.

“Verdade seja dita que ele nunca foi até o continente apenas por medo ou preguiça. Sentia-se confuso por ser tão sozinho e criou fortes laços de amizade com os animais que comia. Uma vez, porém, conheceu um pássaro prateado de tamanho pequeno que ele não quis comer. Conversava com o pássaro, depois do susto que teve em descobrir que o pássaro entendia seu falar embolado. Ele mesmo, contudo, não entendia um pio do maldito, mas punha-o para cantar todas as músicas de que sentia saudades.

“Vasto o céu, tão vasto e tão grande sobre a pequena porção de terra e as contáveis gotas de mar que de um pedaço dele caiu uma garrafa verde das que o Gaúcho nunca tinha visto antes. A garrafa caiu na água e veio sozinha para seus pés sem se molhar. A garrafa estava fascinada pela música que ele coordenava, pela consciência de unidade que ele apresentava e pelo grande sorriso vermelho sem boca que ele tinha. O Gaúcho pegou a garrafa,

encontrou nela uma mensagem escrita e descobriu que não sabia ler. Uma grande dor de cabeça o afligiu depois daquela desastrosa descoberta. Começou a se perguntar por que era um Gaúcho que veio das pampas se não existia pampas no seu mundo onde era só ele; por que esperava uma moral da fábula, se apenas fazia parte sem saber; por que sabia que as ondas que sua enorme barriga criava eram gigantes, se nunca houve quem comparasse o tamanho; por que sabia ser antiquíssima a barba, se todo o tempo que viveu foi apenas o tempo que viveu; por que estranhava ser sozinho, se nunca não foi; por que percebeu que não sabia ler; e o que diabos é um motor de combustão interna? Não duvidou apenas do prazer que sentia em comer, em colher os canos de cachaça e em ouvir as músicas do pássaro, mesmo que nunca tenha conhecido nenhuma. Morreu sem fôlego de tanta pergunta que se fez. O pássaro prateado entrou na garrafa e a garrafa entrou na água novamente.”

Capítulo 7

Capítulo 7

Uma série de detalhes isolados tornaram a morte de Marco Antônio a mais complicada de todas. Todas menos uma outra morte que, por acaso, é um fator extra que não apenas enriqueceu a crônica de Marco Antônio, mas também floreceu todo o caderno e o mapa imensamente. Não fazia parte do plano. Gerou o ponto de exclamação no final do Quintela que estava escrevendo no mapa de Vitória. Quintela! seria o grande final.

É verdade que foi no comecinho de outubro que essas coisas começaram a acontecer. A primeira delas foi em casa. Sentado sem roupa no sofá, pensando, levantou-se para servir uma dose de rum. A garrafa de Bacardi estava vazia, a de Montilla estava fechada. Olhou em volta e viu a Negrita rezando seu último terço. Foi direto nela. A dose que serviu foi moderada. Estava pelado de calor porque é Vitória e já tinha uma garrafa vazia de Bacardi. Pegou o celular e ligou para ela, a fim de dividir as últimas doses do presente bonito dela. Já eram três meses sem terem contato algum, praticamente. Uma vez ela mandou uma mensagem dizendo que precisava de um livro que esquecera em sua casa, ele respondeu dois dias depois dizendo que já estava na portaria do prédio dela. Terminaram na tarde seguinte à noite em que ele passou a madrugada toda escrevendo o epílogo de Filé, um pequeno conto de duas páginas contando sobre os eternos três segundos onde viverá a consciência dele agora que ele morreu. O conto termina com a conclusão de que já não existe mais energia disponível para sustentar a consciência viva de quem morreu e por isso o Filé deixou de existir. Não podia dizer para ela por que estava tão ocupado naqueles dias e no fundo não queria, tinha medo de que ela sentisse medo ou nojo dele, prefere conviver com essa raiva adolescente que ela tem agora. Discutiram passivamente pelo telefone e mais ainda na casa dela. Ele aceitou que estava errado e a cara de cu enervou-a mais ainda. Ela desmanchou tudo e nunca desceu do monte de orgulho que tinha para dizer que queria tê-lo de novo, apesar de ter sido verdade descarada por tanto tempo.

Em outubro ela atendeu o telefone ansiosa, mas sem demonstrar duas gotas da emoção. A voz dele se alterava muito pouco quando estava bêbado. Por telefone é ainda mais difícil de distinguir, mas ela sempre soube. Quase nunca desconsiderava o que ele dizia quando bêbado, porque ele falava muito mais, era muito mais interessante e ela sabia que ele não se esquecia das coisas que fazia e nem perdia o controle das suas ações – era uma pessoa melhor quando estava bêbado, e fodia melhor também. Ela respondeu monossilábica aos protocolos de quem não se vê há muito tempo. Então ele diz que acabou de servir dois copos de Negrita e que um era pra ela porque sentiam muitas saudades e ela não conseguiu negar. Mas negou o copo. É que era uma terça-feira e ela tinha acabado de começar num trabalho novo, por causa da greve na universidade. Marcaram de sair durante o fim de semana. Ele aceitou, mas foi dormir furioso e sujo mais uma vez.

Além disso, a gaita do Amadeu só fazia lembrá-lo de como o velho conseguia mostrar tanta empatia para com ele, mesmo sem nem conseguir se comunicar direito. Lembrar que sentiu-se extremamente triste depois de matá-lo, mesmo sabendo que estava fazendo uma coisa boa. Chorou porque sentiu inveja dele. Queria estar no lugar dele, não morrendo, mas sentindo todo aquele tempo passar e ter todas as experiências que ele teve e que o moldaram maravilhosamente. Maravilhoso é uma palavra que ele detesta, porque é usada muito e de uma maneira muito errada, foi perdendo o sentido nas suas orelhas, mas é exatamente como ele pode descrever o velho sujo. Sentiu como se matasse um avô querido.

No final daquela semana, só queria que ela fosse lá na sua casa, bebessem o rum juntos e fodessem como faziam normalmente, e faziam excepcionalmente. Mas ela insistiu que saíssem. Saíram na sexta, conversaram e estavam interessados em continuar saindo. Ela o distraía e fazia muito bem. Ele era a paixão mais bonita que ela já teve. Dormiram na casa dele. No sábado, partiram para a rodoviária, passariam a noite numa pousada perto de Domingos Martins e voltariam no almoço do dia seguinte. Quando chegavam na rodoviária, o ônibus dava suas voltas e nessas foi que ele viu Marco Antônio dormindo ali nos arredores. Não consegue explicar, mas ele tinha que ser o próximo. O rosto arrogante mesmo dormindo, provavelmente tinha o papo mole de carioca. Depois de sentir-se tão mal com Amadeu, precisava de sentir-se bem com alguém. E assim tão facilmente a distração de que ele precisava da

parte dela já não era mais necessária. Foram mesmo assim para o fim de semana fora, comeram, beberam, foderam e se divertiram bastante. Voltaram pra casa com gosto de que teriam um futuro juntos e ele decide escrever a fábula do Gaúcho para mostrar pra ela. Escreveu na segunda.

A semana seguinte era cortada por um feriado bem na quarta. Na terça, ela leu aquelas coisas no caderno dele, mas não viu o mapa. Ele não teve coragem ainda de contar. Disse que era por isso que esteve tão ocupado: escrevendo um livro de contos. Ela respondeu com o melhor boquete da vida dele. Ela dormiu lá e enrolou no feriado, estragando seus planos de passar na rodoviária para procurar aquele cara. Só foi fazer isso na quinta-feira à noite, sem sucesso. Por sorte, contudo, ela trabalharia no sábado de manhã, então não saíam na sexta. Não juntos. Eles estavam felizes de estarem juntos de novo, era bastante notável. Ele também estava bastante notavelmente feliz de estar escrevendo novamente. Ele saiu na sexta.

Estava no Centro. Mais precisamente em um boteco não tão sujo como de costume. Seguiu esse mendigo até perto do Parque Moscoso, acredita que sem ser percebido. Entrou no bar quando ele parou para conversar na rua. Bebeu e conversou um pouco com quem estivesse lá, nada demais. Viu o tal se dirigindo ao bar também. Entrou. Foi ao balcão e chamou o dono pelo nome. O sotaque era da Bahia, menos asqueroso que o carioca. Conversava bem e não parecia ter em si a malícia que ele já julgava saber indispensável para se morar na rua. Entretanto, notou que o Narrador o encarava sem parar. Bebia sua cachaça tranquilo. O dinheiro acabou na terceira. Ian levantou-se e abaixou o seu copo vazio no balcão. Disse que colocasse mais rum para ele e mais uma para o seu amigo, entregando uma nota de dez reais. Depois uma outra de cinco. Bateu o copo no vidro do copo dele e se despediu sem dizer nada. Muito parecido com mocinho de filme de ação que explode um carro e sai andando como se nada estivesse acontecendo, ele andava para fora do bar ignorando os agradecimentos do bahiano. Caçou seus cigarros no bolso e parou para acender. Marcos chega atrás dele e pergunta seu nome, se pode arrumar um cigarro e se era dali mesmo. Disse o nome, deu o cigarro e disse que sim, mas que estava com pressa para ir embora. Não achou que fosse funcionar, mas enquanto andava no alto da própria atuação, o outro foi andando a seu lado, puxando papo. Também não contava

com aquilo, mas reparou que Marco Antônio estava sondando se a cachaça e a atitude significavam um convite para um programa. Poderia ter pensado que era um modo bem mais fácil de colocá-lo vulnerável, mas não. Sentiu-se ofendido com as investidas e começou a já ter raiva do homem.

Parecia que tinha encarnado uma personagem completamente diferente da apatia tão comum e característica. Ainda havia gente em volta, não dava para matá-lo ali e pronto. Começou a se encaminhar pelas ruas mais escuras e vazias. O cara seguia e continuava falando, ele respondia se mordendo por dentro e só foi mostrar-se ofendido quando começou a bater boca com o cara que já estava passando seu currículo de putaria. Por um momento, soou até carioca com seus “mermãos” e “tá me estranhando?” e se exaltando, enquanto ainda andava em direção das ruas mais escuras. Marco Antônio, um tanto acuado pela expansividade, acabou entendendo a cena como uma forma de camuflagem social e entrou na onda. Andando para os cantos escuros. Chegaram num beco e os dois se calaram.

- Faço por 50 – disse rapidamente e tentou alcançar a mão no pau dele. Ele perdeu a cabeça. Empurrou o cara pra trás e abafou um grito de “porra, não quero nada, caralho” e com o nervosismo da hora, tentou alcançar a fivela para tirar o cinto e acabar logo com aquilo. Não foi exatamente condizente com o que acabava de berrar, exaltado – tá, porra, 40 – e tentou ajudá-lo a tirar o cinto. Ao que ele falou devagar “não encosta em mim, por-ra”.

Deu certo, o baiano se aquietou, tomando com fechado o acordo dos 40, ou dos 50. Não conseguia pensar direito, começando a racionalizar a total falta de motivos para tanta raiva. Mais tarde foi concluir em casa que achava que ele estaria sujando com merda, porra e dinheiro a imagem libertária que tinha construído para os moradores de rua. Não, não poderiam se submeter a uma coisa dessas. Naquele momento, não ousou tentar tirar o cinto novamente. Aproximou as mãos do queixo do homem lentamente. Mirou no pescoço, encostou suavemente e posicionou os polegares primeiro e depois o resto dos dedos. O homem olhava-o com um pouco de confusão e esperava para ver o que faria. Quando lan apertou com força o pescoço, o susto da falta de ar foi grande, mas sua reação foi empurrar o agressor com o resto de força que con-

seguiu reunir. Conseguiu destruir a pegada e a santidade do ritual. Tossindo com força avançou com socos e murros descoordenados. Acertou alguns, errou alguns, recebeu alguns, desviou alguns. E acabou recebendo um direto no nariz, o punho do Narrador bateu de baixo para cima e a dor era absurda. Esteve completamente paralisado. Dando tempo para tornar a ter os polegares na traqueia novamente. Não conseguiu explodir novamente para conseguir se livrar das mãos no fundo dos braços. Olhou intrigado e desacreditado, tentando entender a raiva que vinha dos olhos dele. Ian sentiu os dedos quase escorregarem por causa do sangue que desciam do nariz, mas a adrenalina era tanta que sentiu a força redobrar nos dedos. Sentiu a força dele acabando e a sua aumentando. Aos poucos, acreditou que estava acabado. Deixou o corpo cair no chão. Passou a mão pelo rosto, respirava fortemente. Tentava se situar, olhou em volta. Ainda não havia ninguém o observando, mas entendeu o perigo que passou. Conseguiu lembrar qual letra deveria fazer. Maldito Q. Enrolou o corpo dele depois de mais alguns socos. Mais alguns socos. Colocou uma sacola preta entre os joelhos e a testa, completando o círculo. Já era a sexta pessoa que matava, mas foi a primeira luta. Pela primeira vez não sentiu inveja da situação, inveja de estar terminado, pronto. Entendeu finalmente por que sentia raiva dos outros, quando eles morriam. Agora estava com a cara suja de sangue, a roupa suja de sangue, passavam de três da manhã e não conseguia se lembrar qual rua deveria pegar. Sentiu medo. Sentiu falta de ar. Tirou o cinto porque estava apertando. Queria e começou a tirar a camisa, mas parou. Ainda não pensava direito. A madrugada estava fria, sentia calor mesmo assim.

Andou depressa pelas ruas, tentando visualizar o mapa na sua cabeça e uns dez minutos depois sem ver ninguém, aparece a terceira coisa que complicaria aquela morte. Estava andando e reconheceu a pracinha da rua sete, lembrava-se de uns táxis próximos. O rosto já não parecia tão sujo, mas as mãos e a gola da camisa, sim. Não havia ninguém na caixa de areia. Andou com medo de ser visto, pegou a rua de trás porque o Palmeiras estava aberto ainda. Virou-se assustado e deu de cara com um homem. Um pouco mais baixo, um tanto mais gordo, uma inocência falsa por trás da barba. Não faz ideia se ele conseguiu entender que era sangue, entender que o sangue era de outra pessoa, entender qualquer coisa daquele susto. Mas colocou-se numa posição mais favorável, arrumou o cinto nas mãos e prontamente no pescoço

largo dele, antes que pudesse falar qualquer coisa. Tem que ter sido a adrenalina para permitir pensar e agir tão rapidamente. O cu na mão. Deixou o corpo cair e caiu em si. Pegou a primeira ruela que encontrou e a próxima também. Em nem cinco minutos já tinha ganhado enorme distância. Sentou-se no chão e tentou se acalmar para pensar no que fazer. Pensou em parar, mas já tinha feito demais e faltava tão pouco.

Pensou se conseguiria andar até em casa. Se conseguiria entrar em um táxi sem chamar atenção para as roupas. Se poderia ligar para ela, aquela hora, para vir buscá-lo de carro. Não, não vai contar para ela o que estava fazendo, não pode contar. Começou a sentir frio, mas sentia mais medo de deixar meia palavra escrita. Deitou-se na calçada e o frio do chão fez muito sentido para ele. Cochilou. Acordou. Porra, pegar ônibus desse jeito vai ser muito pior. E se eu conseguir um táxi agora à noite tem chance de ele não ver a sujeira. Mas teve uma ideia melhor quando se acalmou. Desabotoou o que faltava, tirou a camisa e foi andando. Viu um homem quase dormindo no chão, encolhido e cobriu-lhe com a camisa. O homem se assustou por não tê-lo visto se aproximar, mas disse um obrigado para a gentileza. Não conseguiu enxergar o rosto do rapaz que tirou a camisa para oferecer e estava cansado, calejado e bêbado demais para se levantar e agradecer.

Quintela seguiu sem camisa em direção à principal para ver se arrumava um táxi. Vinha um. Sentia-se no topo do mundo por ter encontrado uma saída. Depois dessa, nada mais conseguiria o atrapalhar. E falta tão pouco. Abanou o braço com força quando reparou que o taxista não diminuiria. Não diminuiria. Não diminuiu. Passou. Filho da puta. Provavelmente a cara não está mais tão suja, porque esfregou o máximo que pôde na camisa. Deve ser por estar sem. Vinte minutos sentado no meio fio. Outro táxi, outra vez não parou. Daqui a pouco clareia o dia. Mais cinco minutos e acha que vem outro táxi lá. Começou a correr. Corria com o máximo desespero que conseguiu aparentar. Olhou para o lado, notando o táxi se aproximando e começou a se debater na rua, abanar e pular. Foi para o meio da rua e suplicou que parasse. Parou. Explicou arfando e aspirando com força que estava fugindo, um cara ali naquela rua tentou me assaltar, rasgou minha camisa mas consegui escapar. Pega a carteira. Me leva daqui por favor, eu tenho como pagar ainda. Sentou no banco de trás e se surpreendeu por ter conseguido manter-se na personagem até chegar em frente ao seu prédio. Pe-

gou cartão do cara, agradeceu com muita emoção por ter parado e ajudado. É bom poder contar com gente de bom coração.

Ela recebeu uma ligação bêbada na semana passada e está feliz agora. Não está feliz porque está com ele de novo, está feliz porque o conseguiu de novo. Conseguiu que ele ligasse, que ele fosse atrás dela. Passaram um fim de semana ótimo juntos e a semana seguinte já ia descendo para o final também. Estava com um emprego, quase um diploma, suas duas tatuagens, a terceira já no papel, um namorado e um carro. Tinha família, carinho, sexo, dinheiro e acabava de comprovar poder. Acordou na manhã do sábado e foi trabalhar anestésicamente. Almoçou com um carinho em quem estava interessada há algum tempo e sabia que bastava estalar os dedos. Não trairia o namorado, mas só porque provocar era muito mais interessante. Preferia rir com o carinho, abraçar amigavelmente e falar do namorado, de como estava feliz e vê-lo morder as gengivas de raiva. Pegou o carro no final da tarde e decidiu passar na casa dele. Ligou para avisar quando faltavam umas duas quadras. Ian não atendeu na primeira, como de costume. Entrou no prédio, cumprimentou a porteira e subiu. Tocou a campainha algumas vezes e ele apareceu para abrir a porta com a cara bastante inchada. Deixou que entrasse e disse que estava acordando ainda. Que passou a noite bebendo e escrevendo. Ela pediu pra ler, mas se perderam em outros assuntos e carinhos. Tinha levado comida para cozinharem juntos, mas fez o jantar enquanto ele tomava um banho para terminar de acordar. Comeram e passaram a noite conversando, vendo um filme e nada demais.

Ela estava cansada dele, mas ela mesma não reparou.

Ele estava apreensivo com o que tinha feito, ou melhor, apreensivo se alguém descobriria que tinha sido ele; ele não reparou no cansaço dela também.

Esqueceu-se o nome dela.

Chegou o meio de novembro. Para o caso de precisar de lutar, Quintela tinha comprado uma daquelas barras de ferro e mandou instalar no teto da sala. O faz-tudo do prédio disse que o normal era no vão da porta, mas que dava para colocar no teto, sim. Tem que ver se aguenta o peso dele. Aguentou. Teve a intenção de fazer exercícios regularmente, mas fez algumas poucas semanas e depois disso era bem ocasional. Escolheu o teto da sala exatamente para gerar mais esforço. Acabou ficando com preguiça. Chegava

do serviço, fazia alguma coisa para comer. Subia num banquinho e segurava-se na barra. Dez minutos depois já estava de saco cheio. Mas então chegou o meio de novembro.

Quintela bebia sozinho num bar em Jardim da Penha, pediu a dose anunciando para o garçom que estava esperando um colega do trabalho. É meio caro beber rum em bar, porque ele bebia bastante. Mas não ligava de gastar dinheiro mais. Passou alguns anos se esgoelando para colocar previdência privada, condomínio e contas gerais no salário, tentando não tocar na pequena poupança que sobrou do inventário do pai, mas já não importava mais. Falou-se da morte de um escritor no Centro por bastante tempo. Já quase não falam mais. Aquilo entrou na cabeça dele como tumor. Sabia que teve sorte de ter escapado, mas aquilo já estava perigoso demais. Tremia só de imaginar ser pego e preso antes de terminar o que começou. Se fosse depois, seria até bom. Pediu outra dose para a segunda metade de hora em que se atrasava o colega. Escaramuça discreta na esquina, porém.

Numa esquina em Jardim da Penha foi que se encontraram depois de tanto tempo. Ela se apaixonou por ele aos quinze anos, quando foi pedida em namoro. Namoravam dentro de casa, os pais gostavam dele, os pais a achavam uma boneca. Laura se casou antes dos 19. Douglas trabalhava menos do que fazia parecer, mas não faltava nada em casa. Laura era feliz sendo uma jovem dona de casa. Douglas largava do serviço e ia pra casa direto. Laura começava a pensar em ter filhos. Douglas passou a parar no bar uma horinha no caminho. Laura tinha dificuldade para ver as quinas das mesas. Douglas ainda não chegou essa noite. Laura tropeçava na escada. Douglas chegava em casa querendo sexo. Laura começava a dormir mais tarde. Douglas bebia. Laura apanhava. Douglas bebia. Laura se cansava. Douglas batia. Laura chorava. Douglas fodia. Laura não queria. Douglas forçava. Laura se cansava. Douglas ainda bebia. Laura foi à delegacia de crimes contra a mulher. Douglas, 23, foi preso. Laura voltou pra casa da mãe. Douglas saiu da cadeia em menos de cinco anos, por bom comportamento. Laura passara no vestibular e se formava uma assistente social. Douglas procurou e não encontrou emprego e nem Laura, que trabalhava e não tinha filhos nem outro marido.

Laura era feliz, orientava mulheres que passavam por uma situação parecida com a dela. Também trabalhava convidando moradores de rua para um abrigo com assistência para dependência

química. E naquela noite, naquela esquina, depois de cinco anos via de novo o Douglas por acaso. Não estava de serviço, por isso conversaram como amigos. Ele falou que tinha perdido tudo, que estava devastado. Foram cordiais e educados, com uma intenção por baixo dos panos; ele queria o conforto das pernas e da cara dela de volta, ela queria levá-lo para um abrigo para se tratar. Ela percebeu que o que ele queria e decidiu usar isso em favor da sua causa. Enfim ele entendeu que ela não queria mais nada e que não daria mais nada pra ele. Ficou irritado, berrou alto, tentou e conseguiu levantar a mão, mas não sentou nela, pode ter sido por falta de feijão ou pura conveniência narrativa. Ela colocou sua voz mais forte que a dele, sua força foi maior. Disse que procurasse tratamento e disse o endereço do abrigo, mas ele não ouviu, andando pesado para longe, com os pés batendo nos calcanhares por cima da lembrança dela chorando. Essa noite ela não chorou.

Essa noite, Quintela viu a pequena cena. Já iam umas dez e meia, pagou as três doses no balcão, pediu mais uma num copo de plástico e foi rápido atrás da sombra de Douglas fazendo curvas no bairro certo. Era um presente. O colega do trabalho que estava esperando. Quando ganhava proximidade, chamou atenção do homem pesado. Deu um gole no copo e o copo para ele, dizendo que é foda. É foda. Tentava espelhar a empatia do velho. Parecia estar dando certo. Caminharam juntos até o final do copo. Perguntou se queria alguma coisa pra relaxar.

Douglas não conseguia esconder a dúvida massacrando a força de vontade de se tratar e dar jeito na vida. Conseguir Laura de volta e ser feliz. Mas queria arrumar alguma coisa para relaxar. Quintela mostrou o caminho. Era difícil encontrar uma rua vazia em Jardim da Penha àquela hora. E não encontrou, mas havia uma marquise com uma escada, dava pra ser ali embaixo. Ele seria a letra E, precisaria de tempo para preparar também. Douglas perguntou o que ele tinha, se era maconha, se era crack. Disse que era melhor ainda. Explicou que ele teria que respirar fundo cinco vezes devagar. Na última vez, ele lhe daria o abraço do tempo. Douglas achou que era viadagem, principalmente o nome, mas achou que não custaria tentar. Uma vez respirou fundo. Mais duas vezes, devagar. Outra. E na última, a mando, exalou tudo que tinha e vieram os antebraços firmes e limpos pressionando das costas até o tórax. Nada. Olhou o cara, em silêncio, bebendo rum no copo de plástico enquanto no fundo Laura gritava com seu pai que lhe batia com

força e cheiro de cachaça. Douglas viu as cenas se repetindo, mas paralisou-se com as memórias e não conseguia fazer nada para calar a boca de Laura, impedir o pai que já estava morto e beber outro gole de rum. Juntou sua coragem toda e tentou esticar a mão para pegar o copo de rum, mas suas pernas bambearam, falharam e seu corpo caiu nos braços limpos daquele cara sem nome. Ficou quase meia hora vendo tudo acontecer na sua cabeça, na verdade só perdeu a consciência rapidamente, caiu e na queda acordou ainda no abraço.

Foi a melhor sensação que já teve. E era de graça, só precisava de alguém para lhe abraçar. Riram do susto que levou. Quintela perguntou se estava mais calmo e, apesar das coisas que viu na cabeça, estava imensamente mais relaxado. Ofereceu fazer de novo, Douglas aceitou. Perguntou se queria que fosse ainda melhor. Douglas quis. Comandou a mesma coisa de novo. Respirou fundo uma e mais três vezes. Na quinta vez exalou tudo o que tinha, olhando o homem estranho contornar seu pescoço com um cinto. Ficou mais de uma hora vendo sua vida toda acontecer de novo. Alguns momentos bonitos da adolescência. Todos os tapas e murros em Laura. Todos os anos de detenção. A felicidade e o tormento de sempre. Estava esperando cair de novo na realidade. Ficou esperando.

Deitou o corpo dele de lado no chão, curvado numa postura estranha, os braços esticados para frente. Duas sacolas como se saindo da barriga e fechando o braço do meio do E. Não parecia e de fato ninguém se meteu no assunto de dois homens sentados debaixo de uma escada. Quintela tinha seu E. Faltava apenas uma letra.

A letra que faltava era T. Seu caderno chegava na casa das sessenta páginas umas a mais, umas a menos. Seu mapa tinha QUIN_ELA escrito numa linha quase reta do sudoeste ao nordeste da cidade, apenas o N ficara desalinhado pela grande vontade de que o velho fizesse parte de sua obra. Veio e foi o mês e a cabeça de lan só fazia esperar o final. T. O final era certo e belo.

Começo para a metade de janeiro. Colocou outra garrafa de Negrita na mesa de casa, comprou uma garrafa de cachaça, um pedaço de corda forte de nylon e pusera no bolso da calça uma grande quantidade de dinheiro, levava mais algum na carteira e o mapa no bolso de trás. Tomou um beijo da Negrita e saiu de casa já depois da meia noite. Andou mesmo de noite para acalmar a ansie-

dade. Tomou um gole da cachaça, mas achou muito ruim. Despejou um pouco no chão. Não era para santo, era para credibilidade. Com mais da metade da garrafa, chegou à ponte da passagem. Foi para baixo da ponte onde uns rapazes fumavam e vendiam algumas coisas. Apresentou-se como Ian e seguiu fingindo uma paranoia que ouvira dizer característica de quem quer comprar algumas coisas. Tirou uma nota de dez do bolso e fez a transação, oferecendo cachaça por gentileza.

Eram três. Dois homens e um garoto de uns vinte e poucos anos. Depois chegou a descobrir que o garoto só tinha dezesseis e uma cara muito acabada. Quintela virou-se para ir embora, agradecido, mas parou dois passos depois. Falou com uma voz escrota. A voz soava escrota porque ele sabia o quanto daquilo era atuação ruim, mas eles nem se importaram. Perguntou se moravam na rua ou se tinham família, tomando e oferecendo mais goles. Responderam que moravam na rua, os três. Então quis saber quanto valia a mais barata das vidas deles. Silêncio. Explicou que estava na fissura para matar alguém, tinha que matar alguém! Queria saber se dois deles aceitariam dinheiro para deixá-lo matar o outro. E quanto. Os caras se assustaram e disseram que ele era louco, para ir fumar a pedra e deixá-los em paz. Tirou outra nota de dez do bolso e colocou no chão, a garrafa de cachaça por cima. Agradeceu, pediu desculpas pela oferta e se despediu. Não sabia que daqueles caras, dois eram irmãos e o outro era um maluco qualquer. Antes de alcançar o quinto lentíssimo passo de distância ouviu-os chamando.

- 300.

- Por 300 você pode matar ele, com mais cem a gente te ajuda – pareciam estar dizendo um valor para ver se o cara estava falando a verdade. Quintela sabia que era perigoso. Mas perguntou se o outro estava de acordo, só para provocar. Ele disse que sim. Disse que já estava cansado e que o dinheiro seria bom para o irmão mais novo. Parecia ainda mais perigoso.

Quintela sorriu, disse que não queria ajuda. Só precisava que não falassem para ninguém e que o deixasse sozinho. O sorriso do Narrador, mais do que por ter conseguido o que queria, foi por ver uma hombridade que não esperava. Tirou todo o dinheiro que tinha no bolso, eram quase seiscentos reais e entregou para o me-

nino. Ele e o maluco saíram de perto depois de um abraço e um aperto de mão no outro.

Ian perguntou se ele já estava cansado da vida. Ele disse que não, mas que a oportunidade era boa, talvez assim o moleque sairia daquela vida. Perguntou se não se preocupava que o homem roubasse aquele dinheiro todo. Disse que o moleque só estava ainda naquela vida porque sabia se virar. A mãe morreu já há seis anos, o pai eles nunca conheceram. Se criaram na rua e agora estava já cansado de passar fome com ele. Pegou a corda que estava enrolada e presa à barra da calça. Perguntou quantos anos ele tinha. Respondeu vinte e oito. Tinham a mesma idade. O corpo ficou deitado ereto, os braços abertos feito cristo. Pegou uma das várias sacolas de lixo que encontrou perto da margem da água e abriu, pôs o mapa dentro, fechou e então colocou-a sobre o peito do homem.

Do outro lado da ponte, um rapaz pichava uma espiral preta, de dentro pra fora.

Ian voltou andando para casa e fodeu a Negrita até a metade. Não tomou banho. Pegou o cinto nas mãos. Sentou-se para escrever a narrativa da redenção nobre.

ARCO 3 - AFINS

Capítulo 8

Capítulo 8

- *O seu problema com graffiti é que você não sabe desenhar, cara.*
- *Não, meu problema com graffiti é que eles são meio que queridinhos. Ninguém fala que o que eu ou o que o Fê fazemos é arte.*
- *Mas não é arte, vocês só picham.*
- *Vai se foder, cara. A gente tem um conceito, tem uma identidade visual e uma mensagem. Claro que é arte.*
- *É só rabisco na parede dos outros, cara. Eu não me importo, eu gosto de ver, mas não dá nem para comparar isso com a técnica do pessoal do graffiti. Eles estudam a parada, eles sabem como funciona a tinta e essas porras.*
- *Você é burro, cara. Falaram até que Picasso era rabisco. Eu estudo as paradas. Você já viu alguma coisa do Picasso? É um monte de rabisco, mas é arte, caralho.*
- *Então você acha que se alguém vem, faz uns circulinho na parede, ou então a coroa do Fê... e depois sai correndo, né? Cê acha que isso é arte igual ao cara que passa cinco, seis horas fazendo um muro todo? Apá porra – parecia irritado.*
- *Não, cara, mas é sobre a mensagem que a gente está passando. Se o cara precisa de seis horas para fazer a mensagem dele, foda-se, eu preciso só da minha espiral. Circulinho...*
- *Cê tá falando que você é melhor do que os grafiteiros?*
- *Não. É que eles se ligam só no visual da parada. Eu ligo pro que aquilo representa, tá ligado?*
- *E o que seus circulinhos representam?*
- *Espiral, cara. Sabe como a gente faz assim – girava os indicadores perto das orelhas – é isso, é a loucura da cidade, cara. – pausa – E eu coloco isso na cidade toda. Porque tá tudo no caos. Tá tudo fodido, cara.*

- Boto fé. Mas cê acha mesmo que alguém vai ver essas porras aí e vai entender isso?

- Sei lá, tem gente que vai entender.

- Sei.

- Sério, pô. Mas eu tenho é que fazer isso, entender é problema deles.

- Ah, tá. Olha aqui então – desenhou um triângulo de bic no muro de fora da escola – Sou artista, haha!

- Pô, beleza, se você tem alguma coisa pra dizer com isso, dá pra pensar. É isso que eu tô falando, cara. Cê tem?

- Eu tenho.

- O que é?

- Entender é problema seu, haha.

- Ah, se foder.

- Igual a sua parada, porra. Nunca tinha entendido até você falar. E você já fez isso pra caralho.

- É. Eu vou continuar fazendo.

- Ano que vem vai ter no bairro todo.

- E em 2010 vai ter na cidade toda.

- Porra, massa, todo mundo vai ser louco e rei com você e com o Fê.

- Joga seu triângulo no meio, cara. Pensa alguma coisa pra ele e tal.

- Já falei que ele significa uma coisa, você que não entende – era mentira.

- Tanto faz. Então, se você consegue fazer alguém pensar ou sentir alguma coisa com esse triângulo, esse triângulo é arte, arte é isso – outra pausa, para respirar e pensar – fazer arte é ser peculiar.

- Peculiar?

- Peculiar.

- Peculiar?

- *É, porra, peculiar.*
- *Eu não sei o que significa peculiar.*
- *Porra, sério?*
- *Sério.*
- *Peculiar, porra! É entre diferente e estranho.*
- *Que viadagem.*
- *Ah, eu que sou viado, né?*
- *É. Falando essas coisas aí sobre arte. Essas palavras esquisitas.*
- *Haha, vai se foder – riam.*

Beijava a esposa todas as manhãs antes de sair de casa. Ela acordava meia ou uma hora depois e comia com os filhos o café da manhã que ele deixava pronto. Ele pegava o carro e cruzava a cidade até a delegacia de homicídios. Semestre passado foi foda. Apareceu um caso complicado que durou cerca de sete meses. Um psicopata matou mendigos pela cidade toda. Encontraram mais de dez corpos com o mesmo M.O. Quase deu merda com o caso de um escritor que foi assassinado no Centro. Pessoal da força estava achando que poderia ser conectado, mas descartaram a possibilidade em Janeiro desse ano, quando pegaram o bandido. Um moleque fedendo a mijo, vinte anos e cara de trinta. Provavelmente drogado. Pego em flagrante preparando o local do crime, tinha a lata de tinta em spray e usava um cinto que batia com as características da arma indicada no laudo. O caso ainda está em processo e vai demorar mais de ano em julgamento, do jeito que as coisas andam. Essa manhã, depois de beijar a esposa e chegar no trabalho, Galindo comemorou com os homens o terceiro mês sem esses assassinatos de mendigos, fato que passou a integrar os autos do processo contra o pichador.

Mas o dia estava feliz. Não houve nenhuma denúncia, nenhuma ocorrência e, apesar de ser terça-feira, houve uma cerveja com o pessoal. As ocorrências de estrangulamento voltaram para o normal e pararam de preocupar o investigador. Se resumem a poucos crimes passionais, normalmente com autodenúncia do culpado e uns três casos de suicídio. Um deles ganhou alguma atenção na mídia por se tratar de um menino de 13 anos que sofria bullying na

escola. Só restava esperar o processo do pichador terminar. De qualquer forma, ninguém mais morreria pelas mãos dele.

Marival bebia num bar em Camburi com todos os goles amargos da falta de interesse que sentia pelas pessoas. Já era novembro, mas ele não sabia nem o dia da semana. Bebia com a força de quem tem um propósito para beber. Propósito, não desculpa. Sentia saudades dos amigos. Nunca ficou sabendo que Filé, Marco Antônio e Amadeu tinham morrido. Na sua cabeça – e a cada gole ficava mais forte – eles tinham ido para outra cidade sem ele. Dava alguma razão a eles, sabia que não era um bom amigo para eles. Não era um bom amigo para ninguém. Não era uma boa pessoa. Só sabia machucar os outros. Só fazia o que fosse bom para o próprio cu. Já passava mais de ano sem ver o pessoal, eles devem ter se cansado de mim, arrumado alguma grana e ido pra Minas dormir dentro de alambiques. Eu gostaria de nadar num alambique. Na verdade, nunca tinha visto um alambique, imaginava grandes barris de madeira onde a cana vira caninha.

Pegou todo o dinheiro que tinha, naquela manhã, e foi pra rodoviária se frustrar porque o preço da passagem de ônibus é muito alto. Não tinha suficiente pra ir ver os amigos. Decidiu juntar essa grana e ir. Foi para Camburi porque lá o pessoal dá mais dinheiro e ele estava com pressa. Parou no boteco, colocou todo dinheiro no balcão já sabendo que não teria força de vontade de juntar. Pediu um prato de comida e o resto em cachaça, que ficassem servindo até dar o valor. O dono do boteco serviu o dobro, vendo-o tão amuado.

Chega à sua mesa um preto com um pandeiro. Pediu isqueiro, acendeu cigarro, ofereceu um e sentou junto. Perguntou se podia tocar uma música pra ele, porque estava sentindo vontade de tocar uma música para alguém que estivesse triste. Marival franziu a boca e preparou as vogais para mandá-lo se foder por chamar alguém de triste. Parou na alusão ao lugar e permitiu que tocasse.

- Essa aqui é da época em que eu tocava com o Farófa Carioca – e tocou Hágua. Puta música deprimente. Marival quis chorar dentro da ilusão de fim que trazia o pandeiro.

Não chorou, riu da canção, pediu duas cachaças e cantaram uns sambas mais felizes até o fim da noite. O cara pagou suas cachaças e foi embora. Gente boa. Não convidou Marival para

nada. Marival ficou menos triste depois dos sambas. Agradeceu ao dono do bar e disse boa noite quase como uma despedida. Andou por algumas ruas, sentou num meio-fio. Cansou. Deitou-se na calçada. Sonhou em tocar pandeiro e dormir dentro de alambiques. Pensou que poderia ter feito tanta coisa diferente e que seria mais feliz. Pensou que poderia ter feito alguma coisa de diferente e que seria feliz. Deitado na calçada fria. O rosto ia se marcando com a poeira do cimento. Ele ia se fundindo com o chão. Dormindo virou calçada. Morreu sem acordar. Morreu sem estar feliz. Sem ter sido.

Capítulo Final

Capítulo Final

Este vai ser um capítulo curto e conclusivo.

Acordou debaixo do peso da própria tatuagem de dragão, estranhando o novo costume de dormir de lado. O celular acendido era uma luz azul no chão do quarto. Devia ser ele. Decidiu olhar de manhã, estava no meio de um sonho bom. Somente ela acorrentada a uma árvore no meio de um campo enorme e amarelo, o sol era morno e um espantalho observava e se apaixonava pela cena. Enxadas e rastelos. Não conseguiu tornar a esse sonho e nem se lembrava do sonho que teve, pela manhã. Na mensagem, ele pedia para que ela passasse em sua casa assim que pudesse. Escovou os dentes, tomou um banho, leu um pouco. Brincou com o gato, com o irmão mais novo e com os pais. Abriu umas cervejas para a hora do almoço. Almoçou, cochilou. Acordou sem ter sonhado, comeu alguma coisa rápida, escovou os dentes, tomou banho, saiu do banheiro de toalha e se maquiou no espelho do quarto. Decidiu a roupa que usaria. Pegou o carro e foi para a casa dele.

Ele demorou para atender o interfone e a porta. Estava com uma cara horrível, gigantes olheiras e fedia a cigarros. Ela também fuma e pela primeira vez se incomodava com o cheiro nele. Entrou como dona da casa. Pegando pratos, copos e talheres da mesa da sala e levando para a pia. Perguntou como estava, o que aconteceu para ficar daquele jeito, disse que provavelmente ficara a noite toda bebendo quando viu a Negrita quase no final. Disse também que ele precisava dormir, deveria tê-la chamado para arrumar a casa enquanto ele dorme, há! É um preguiçoso mesmo. Ele a levou para o quarto e deitaram na cama. Confirmou quase tudo que ela disse. Ela acarinhava seu cabelo e passava a mão já entrando em sua bermuda enquanto ele falava. Mas que na verdade a tinha chamado para conversar. Ela parou. Parecia ser sério, mas ele não terminaria com ela se fosse para deixá-la fazendo aquele negócio com a mão. Né?

Quintela pediu que parasse, colocou a bermuda direito. Disse que estava muito cansado porque escreveu direto desde a madrugada anterior, falava com calma. Queria que ela tivesse che-

gado em sua casa antes, mas que não tinha problema. Sentou-se na cama, curvou-se para baixo, pegou o caderno e deu em suas mãos. Apontou a mala no canto do quarto e disse que precisaria viajar por um tempo. Contou que conseguiu uma bolsa do serviço para um curso de liderança e gestão de pessoal. Na verdade, era meio que obrigatório, iria sair na manhã seguinte para São Paulo e ficaria de duas a três semanas.

- Como assim “de duas a três semanas”? Quanto tempo tem o curso, Ian? Duas ou três semanas? – ele respondeu que eram duas semanas, a terceira seria para eles passarem conhecendo a cidade mesmo.

- Ah, sim. Credo, você estava falando tão sério, pensei que fosse algo mais importante – ao que ele respondeu que ela não tinha entendido. Na terceira semana era para eles conhecerem a cidade. Abriu o laptop e mostrou o comprovante de passagem aérea no nome dela. Disse que gostou bastante de terem viajado juntos, apareceu a oportunidade e ele aproveitou, já que estava com grana pra isso.

- Você é louco – sorria – louco, sabe? Nossa – beijava – como faz uma coisa dessas. Mas eu adorei. Vou ver se consigo folga do trabalho, se não conseguir, largo de vez, não tem problema. Parece que as minhas aulas já vão voltar mês que vem mesmo – o celular não deve ficar ligado durante o tempo da oficina, faz parte da dinâmica deles. Mas ela chegaria coisa de meia hora depois da última palestra, então sairá correndo para pegá-la no aeroporto. E pegá-la no banheiro do aeroporto.

Explicou também que o caderno era um presente para ela. Já tinha lido algumas coisas, mas não tudo. Passara as últimas tantas horas escrevendo os dois textos finais e que ainda havia folhas em branco, mas que eram para ela escrever alguma coisa, se quisesse. Não, não, melhor ainda. Que lesse o caderno e que escrevesse pelo menos uma página, um conto, uma poesia, qualquer coisa nessas duas semanas. Ela beijou-o com muita paixão. Saíram de casa umas horas depois, depois de outro banho, mas não passaram a noite juntos. Ela foi embora satisfeita e abraçando o caderno como se fosse adolescente. Sorria feito boba. Não conseguiu ler o caderno, nas semanas que seguiram, porque ficava imaginando

tudo o que fariam em São Paulo e pelo resto da vida também. Escreveu um poema bobo sobre isso, que concluía numa rima com “eu te amo, Quintela”.

Quintela é um babaca e não esperou nem a madrugada terminar. Dentre as coisas que escreveu nesses últimos dias, com o cinto na mão, repetiu algumas vezes um parágrafo que não merece a qualificação de mensagem subliminar, como ele nomeou. Imaginou que ela fosse terminar de ler o caderno na metade da segunda semana e que então fosse atrás dele, entendendo a diretriz e – com sorte – concordando com toda a beleza de sua obra. Imaginou que estaria bebendo do mesmo uísque que Hemingway ou que Jack Estripador, para ser mais exato. Do alto do rum, conseguia sentir um Babenco ou outro entrando no tapa para conseguir os direitos da sua história. Estava no topo dos procurados pela polícia, mas até mesmo os policiais, quando entendessem o que ele fez, respeitariam e elogiariam o que aconteceu. Escreveriam sobre o Narrador. Viraria questão de história e de literatura ao mesmo tempo no vestibular. Servirá de corrimão para a escada da plenitude – isso estava no parágrafo dele – e levará todos que tiverem capacidade de raciocínio.

Bebeu o resto da Negrita. Colocou uma cadeira no meio da sala. Amarrou a corda bem forte na barra que estava instalada no teto, torcendo para que ainda aguentasse seu peso. Foi ao banheiro pela última vez. Voltou com a sacola do cesto de lixo, colocou também seu maço de cigarros, o isqueiro, a carteira e embalagens de comida que encontrava, porque tinha pouco lixo na sacola. Deixou a sacola embaixo da cadeira. Alinhou tudo. Passou a corda no pescoço, respirou bem fundo e chutou a cadeira.

Sentiu a força toda do mundo puxando seus pés. Viu todos os homens que matou, sentiu medo de descobrir que matou um inocente, viu sua mãe e seu pai brigando no dia do divórcio. Sentiu o gosto de todo o rum que já bebeu e das cervejas que bebia escondido dos amigos. Ouvia os gritos de gol e os placares de todos jogos de futebol que tinha vergonha de admitir que via. Ouvia o canto do pardal gritando no braço da tatuagem que ele não fez nunca, e naquele meio segundo se arrependeu de nunca ter tatuado o dragão vermelho que rabiscava nos cadernos quando era menino. Esqueceu o nome da namorada.

Ela foi para São Paulo com a passagem que ele comprou. Ligou quinhentas vezes para o celular dele, já sem bateria no chão

da sala. Por sorte tinha alguns amigos na cidade e passou uma semana divertida. Bebeu e xingou o filho da puta do Quintela todos os dias até voltar, com a passagem que a mãe teve que comprar. O babaca comprara só de ida. Imaginou o tanto que iria bater nele. Mudou de ideia e decidiu nem falar com ele. Ficou preocupada com o que pudesse ter acontecido e tentou ligar de novo pra ele. Ele não atendeu de novo e ficou mais irritada ainda, já não sabia o que fazer quando o encontrasse. Resolveu dar duas semanas para ele se explicar, depois disso ele estaria morto pra ela.

Duas semanas depois ela está decidindo se joga fora o caderno ou vai atrás dele.

Ele começou a feder a ponto de incomodar os vizinhos dentro de quatro semanas. Foi quando arrombaram a porta e o encontraram naquela pose. No mesmo lugar em que ele está hoje. Hoje ele está numa sala deste mesmo apartamento mobiliado, atrasado para o trabalho no Banestes. Atrasado desde ontem. Desde o mês passado. Com uma bermuda cagada que escorria pelas pernas, rolava até o chão, estragando o desenho de um ponto de exclamação com a sacola que está no chão. O grito não-ouvido do Quintela! em Vitória, registrado como um suicídio comum. Caso simples, morreu, acabou. Vai ser enterrado e pronto. Provavelmente era drogado.

Esta publicação foi composta utilizando-se as famílias tipográficas Optima e Special Elite.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para qualquer fim comercial.

